



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

OS LIMITES DO CORPO: MODIFICAÇÕES CORPORAIS

Bianca dos Santos Furlaneto Dias

Orientadora: Prof^a Dr^a Loriza Lacerda de Almeida

BAURU

2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

OS LIMITES DO CORPO: MODIFICAÇÕES CORPORAIS

Bianca dos Santos Furlaneto Dias

Orientadora: Prof^a Dr^a Loriza Lacerda de Almeida

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Artes e Representação Gráfica da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do campus de Bauru, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas.

BAURU

2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Loriza Lacerda de Almeida
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Dr. José Marcos Romão da Silva
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC)
Universidade Estadual Paulista (UNESP/Bauru)

Prof. Ms. José dos Santos Laranjeira
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

BAURU

2014

Dedico este trabalho aos ancestrais criadores da arte no corpo, aos velhos, novos e futuros corpos modificados que através de sua existência efêmera mantém a arte viva.

AGRADECIMENTOS

A vida é uma constante mudança e nossos corpos se alteram com ela: nascemos nus e sem referências de cultura, sociedade e vida. Conforme crescemos nossas roupas e sapatos vão deixando de servir e o mundo vai ficando maior, nossa visão se expande e novos mundos são apresentados diante dos nossos olhos.

Agradeço primeiramente à minha mãe por ter cedido o meu primeiro lar em seu corpo; também agradeço meu pai, minha irmã e minha avó Ana por serem partes incontestáveis de mim e da minha vida, pois a família é a escola inicial e sem o apoio deles talvez não tivesse chegado até aqui da maneira que sou. Como acredito que certas coisas não acontecem por acaso, agradeço também aos meus amigos de longa data que também são meus irmãos de alguma forma pelo companheirismo e amizade que me fortalecem e me fazem ser uma pessoa melhor.

Para mim também é muito importante agradecer aos professores que me trouxeram conhecimento, desde alguns do Ensino Fundamental que nunca vou me esquecer até os da Universidade; à minha professora orientadora Loriza Lacerda de Almeida agradeço de coração pelo apoio, conhecimento compartilhado e por encarar comigo a pesquisa desse tema tão “exótico” que escolhi.

Por último, mas não menos importante, agradeço às pessoas que tive a oportunidade de entrevistar no desenvolvimento deste trabalho, algumas amigas, outras até então desconhecidas e que me contaram lindas experiências envolvendo seus corpos e suas histórias de vida; aos tatuadores de longa data Johnny e Marcelo por transparecerem em seus trabalhos humildade e fidelidade à arte e cultura da tatuagem, possibilitando que eu consiga mostrar parte disso em minha pesquisa.

RESUMO

O corpo carrega traços da história e cultura das sociedades por toda a história da humanidade. O presente estudo pretende, através de pesquisas sobre o corpo, entender como as modificações corporais acompanharam a história do homem, desde tribos antigas até a atualidade e como os procedimentos de alterar a forma física acontece hoje. Através de pesquisa de campo conhecer profissionais que realizam alguns tipos de modificações corporais e indivíduos que as têm em seus corpos, entender as razões para que alterem seus corpos de forma definitiva – na maioria das vezes – e como a ideia de individualidade surge após se adquirir uma marca pessoal no corpo. Além disso, busca-se compreender o porquê dessas práticas tornarem-se cada vez mais comuns em nossa sociedade atual.

Palavras-chave: modificação corporal, corpo, sociedade, tatuagem, *piercing*.

RESUMEN

El cuerpo presenta rastros de la historia y cultura de las sociedades por toda la historia de la humanidad. El presente estudio quiere, a través de pesquisas sobre el cuerpo, entender como las modificaciones corporales han acompañado la historia del hombre, de las tribus antiguas hasta la actualidad y como son hoy los procedimientos de cambiar la forma física. A través de trabajo de campo conocer profesionales que hacen algunos tipos de modificaciones corporales y gente que las tienen en sus cuerpos, entender las razones para que cambien sus cuerpos permanentemente – en la mayoría de los casos – y como la idea de individualidad surge cuando se hace una marca personal en el cuerpo. Además, comprender el porque esas prácticas se están convirtiendo cada vez mas común en nuestra sociedad actual.

Palabras clave: modificaciones corporales, cuerpo, sociedad, tatuaje, *piercing*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Orlan em uma das cirurgias da performance "The Reincarnation of Saint Orlan"	20
FIGURA 2 Stelarc durante a performance "Ear on Arm suspension", de 2012.....	21
FIGURA 3 <i>Piercing</i> feminino na região do umbigo.....	27
FIGURA 4 Tipo de <i>surface piercing</i> na região da nuca.....	27
FIGURA 5 <i>Piercing</i> microdermal na região do tórax.....	27
FIGURA 6 Expansão em formato oval no lóbulo da orelha.....	27
FIGURA 7 Colocação de implante transdermal. A joia cria um aspecto biomecânico no corpo.....	28
FIGURA 8 Implante subdermal cicatrizado em forma de coração.....	29
FIGURA 9 Tatuagem na região das costas em estilo tradicional americano – <i>Old School</i>	30
FIGURA 10 Modelo da primeira máquina elétrica de tatuagem patenteada por Samuel O'Reilly em 1891.....	31
FIGURA 11 Desenho de tatuagem com motivo americano feito pelo tatuador Sailor Jerry..	32
FIGURA 12 Modelo de máquina de tatuagem atual. Existem também outros modelos com diferentes designs e funcionalidades.....	33
FIGURA 13 Escarificação tribal da região do Sudão, África.....	34
FIGURA 14 Escarificação em forma de coração feita com a técnica de <i>skinning</i>	35
FIGURA 15 <i>Branding</i> feito nos dedos das mãos.....	35
FIGURA 16 <i>Tongue splitting</i> antes e após a cicatrização. Técnica de execução não definida.....	36
FIGURA 17 <i>Ear pointing</i> durante e após cicatrização.....	37
FIGURA 18 Ganchos colocados nas costas durante a suspensão <i>Suicide</i>	38
FIGURA 19 Fakir Musafar durante ritual de suspensão.....	39
FIGURA 20 Instrumento de origem Maori utilizado na prática da tatuagem. Normalmente eram feitos a base de madeira e ossos de animais.....	40
FIGURA 21 Ilustração feita por Sydney Parkinson de homem Maori, Nova Zelândia.....	40
FIGURA 22 Ilustração de botocudos, índios de origem macro-jê, chamados dessa forma devido aos adornos - botoques - que usavam nos lábios e lóbulos das orelhas.....	43
FIGURA 23 Ilustrações feitas por Karl von den Steinen com desenhos de tatuagem masculina e feminina do estilo polinésio, originário das Ilhas Marquesas.....	45
FIGURA 24 Ilustrações feitas por Karl von den Steinen com desenhos de tatuagem masculina e feminina do estilo polinésio, originário das Ilhas Marquesas.....	45
FIGURA 25 Homens tatuados com motivos japoneses entre os séculos XIX e XX.....	47
FIGURA 26 Betty Broadbent, artista circense americana do século XX tinha tatuagens espalhadas por todo o corpo.....	47
FIGURA 27 Fakir Musafar durante a execução de um dos jogos com o corpo.....	51
FIGURA 28 Equipamentos para tatuagem devidamente higienizados e isolados de acordo com as normas de biossegurança.....	58
FIGURA 29 Maneira como o tatuador deve trabalhar seguindo as normas de biossegurança.....	58
FIGURA 30 Algumas das tatuagens de Bruno, na perna e braço.....	62
FIGURA 31 Algumas das tatuagens de Bruno, na perna e braço.....	62
FIGURA 32 Tatuagens de Tom nas costas e perna, respectivamente.....	63
FIGURA 33 Tatuagens de Tom nas costas e perna, respectivamente.....	63
FIGURA 34 Algumas das tatuagens que Nathalia tem. A fênix e o coração em chamas abaixo são na região das costas e as frases e coração pequeno ficam na costela.....	64

FIGURA 35 Algumas das tatuagens que Nathalia tem. A fênix e o coração em chamas abaixo são na região das costas e as frases e coração pequeno ficam na costela.....	64
FIGURA 36 Tatuagem de templário em andamento na perna de Cléber.....	65
FIGURA 37 Renata durante sessão de uma de suas tatuagens.....	66
FIGURA 38 Rick Genest, conhecido como Zombie Boy.....	71
FIGURA 39 Lucky Diamond Rich.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. Contextualizando o corpo.....	13
2. Modificações corporais	23
2.1 Tipos de modificações corporais	25
2.1.1 Body piercing	26
2.1.2 Implante transdermal e subdermal	28
2.1.3 Tatuagem	30
2.1.4 Escarificação e branding	34
2.1.5 Tongue splitting e ear pointing	36
2.1.6 Suspensão corporal	38
2.2 Histórico da modificação corporal no mundo e no Brasil	40
3. A modificação corporal no século XXI	53
3.1 Razões para modificar o corpo – Pesquisa de campo	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA	77
ANEXO	79

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo sofre mudanças constantes e muito rápidas, as novas tecnologias e formas de consumo ajudam a tornar as relações sociais efêmeras e é cada vez mais difícil individualizar-se num mundo onde quase tudo é massificado. Em meio a isso uma das formas que o indivíduo encontra para se diferenciar na multidão é o seu corpo, personalizar sua vestimenta, alterar sua forma física, mostrar-se através de seu invólucro – a pele.

Existem inúmeras abordagens e possibilidades de estudos sobre o corpo, mas no caso deste trabalho o estudo será sobre a mudança antropológica, social e cultural do corpo até o século XXI e as práticas de modificação corporal na atualidade, buscando entender como o sujeito usa seus aspectos físicos – principalmente a aparência – para representar-se diante diversos grupos da sociedade, como se sua pele fosse seu cartão de visita exibindo marcas codificadas com significados pessoais de experiências e vivências em seu corpo.

A pesquisa se inicia com o contexto histórico da antiguidade até a atualidade, mostra como a forma de pensar e agir com o corpo teve mudanças de acordo com épocas vividas até chegar ao século XXI, refletindo sobre pensamentos, tendências e até mesmo regras que nos fazem lidar com o corpo da maneira como ele é visto hoje.

Após a contextualização do corpo, serão explicadas algumas formas de se alterar o corpo através da modificação corporal – que é o foco principal deste trabalho. Retomar a história das modificações corporais desde as culturas tribais é importante para saber como as formas de marcar o corpo acompanharam a história da humanidade e evoluíram para o que são hoje.

A pesquisa busca levantar questões sobre por que um número cada vez maior de pessoas decide adornar seu corpo e quais são suas motivações e razões para isso ao optar por técnicas como a tatuagem, *body piercing* e alargadores, definindo e especificando a forma de execução e cuidados de cada uma dessas práticas; também procura entender a importância do ato de modificar-se para quem o faz e como isso acaba caracterizando grupos na sociedade, além da importância para os que executam essas práticas - profissionais como tatuadores e perfuradores corporais. Para isso foi realizada uma pesquisa de campo, onde as opiniões pessoais de cada indivíduo entrevistado servirão para agregar conteúdo ao trabalho e estudar de maneira mais próxima como essas práticas acontecem.

É importante analisar o significado das modificações e de modificar-se para cada indivíduo e como isso é algo subjetivo, normalmente associado a vivências pessoais,

recordações de coisas importantes em sua vida e homenagem a alguma pessoa ou momento especial, mas também como veículos de massa como a mídia, publicidade, entre outros acabam estetizando essas práticas e transformando-as muitas vezes em moda.

A ideia entre as modificações corporais e como as mídias vêm tornando o assunto mais acessível é um ponto importante da pesquisa, já que faz com que indivíduos conheçam melhor as práticas de marcar o corpo, podendo assim compartilhar gostos em comum que tornam o pertencimento cultural mais fácil; a sensação de sentir-se autêntico, dono do próprio corpo após adquirir uma marca corporal e como o indivíduo passa por esse processo de individualização e diferenciação.

Além disso, é importante – principalmente dentre as modificações corporais extremas – abordar a questão de preconceito e estigma em ambientes que não aceitam ou não veem a modificação corporal como um procedimento natural, bonito e ainda marginalizado; como os estigmatizados lidam com isso e convivem com outros indivíduos que julgam essa beleza não convencional.

Os conceitos usados neste trabalho são referências de autores com abordagens sociais, antropológicas e artísticas; abordagem cronológica e busca de referencial teórico sobre a transformação da modificação corporal e fatores que levaram a ela. Os autores estudados a partir do levantamento bibliográfico consideram o corpo sob a mesma perspectiva que esta pesquisa procura, compreendem o corpo como um elemento constitutivo do processo da formação do indivíduo.

O trabalho utiliza levantamento bibliográfico e realização de pesquisas de campo (entrevistas) com profissionais e adeptos das práticas de modificações corporais. O uso de imagens é de grande importância, pois se trata de um tema de apelo visual, principalmente quanto ao entendimento das técnicas estudadas e dados coletados.

1. Contextualizando o corpo

O foco principal da pesquisa não é detalhar historicamente o corpo, mas para estudar a modificação corporal em seu caráter atual é de grande importância analisá-lo em aspectos sociais, culturais e antropológicos no decorrer da história e conhecer algumas mudanças e hábitos pelos quais passou em determinadas épocas e ainda passa e verificar as diversas abordagens e campos de estudo que o envolvem.

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. (LE BRETON, 2007, p.7)

A partir da citação do autor David Le Breton em seu livro *A sociologia do corpo* (2007) é possível pensar como o corpo pode ser visto como um fenômeno cultural e social, como a corporeidade sempre esteve presente nas relações do homem com o mundo, representando o contexto no qual está inserido através de gestos, modos de expressar-se fisicamente, sendo “o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator.” (LE BRETON, 2007, p.7)

O corpo é o próprio objeto de significações do indivíduo, forma de fundamentar sua existência individual e coletiva, sendo um “verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia mas, ao mesmo tempo, escondê-los” (SANT’ANNA, 2001, p.3). Existem diversos sistemas simbólicos que podem inserir ou separar o indivíduo de uma comunidade, representados através de seus atos corporais já que diversas ações são construídas culturalmente apesar de sua origem biológica (o modo de sentar-se, de comer ou movimentar-se são alguns exemplos).

Pensar no corpo como suporte de cultura e arte é pensar em seu processo histórico, cultural e como suas funções e significações mudaram de acordo com as épocas vividas; atualmente existem diversos estudos sobre o tema em distintos campos como a antropologia, arte, medicina, psicologia, filosofia, sociologia, educação física, entre outros. Esses estudos sempre buscam novas formas de se conhecer e descobrir o corpo, seus limites físicos, psíquicos, sociais e culturais, tentando transparecer a existência e o “ser” através dele e visam preservá-lo e cuidá-lo para obter uma vida saudável e longa, encontrar o equilíbrio para satisfazer anseios e sentir-se vivo.

A maneira como as características culturais se refletem através do corpo variam de acordo com cada sociedade, normas, hábitos e costumes aos quais o indivíduo pertence; técnicas artísticas e científicas mostram desde a antiguidade o fascínio e inquietação que o ser humano sempre teve em relação ao corpo. As pinturas e formas de conservação e mumificação no Egito, as esculturas gregas e romanas com representações realistas do ser humano, por exemplo, já demonstravam em diferentes contextos a preocupação com o corpo.

“Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida” (SANT’ANNA, 2001, p.3). Ele possui infinitas formas de individualizar-se, mostrando ou escondendo traços físicos, subjetivos ou sociais, escrevendo sua história em seu próprio suporte, transformando-se voluntariamente e involuntariamente, mostrando sua efemeridade a partir de seus invólucros – sendo a pele o maior deles. Segundo Henri-Pierre Jeudy,

ela é mais uma superfície de auto-inscrição, como um texto, mas um texto particular, pois seria o único a produzir odores, sons e a incitar o tocar. Um texto, ainda que jamais se submete às regras do sentido, uma vez que ele só se faz linguagem articulada com uma tatuagem. (2002, p. 84)

A pele possui seu território próprio no corpo com suas distintas formas, texturas e cores, sendo uma vasta superfície que registra sinais da aparência; sua exibição involuntária cria textos que se escrevem por si só exaltando ao outro suas inscrições e ação do tempo. Jeudy (2002, p. 85) afirma que a pele já é escrita, já que registra em sua superfície sinais como marcas, rugas, cicatrizes, através de sua escrita natural que constrói o corpo do indivíduo de acordo com a passagem do tempo.

Fisicamente o corpo é composto por órgãos, ossos, terminações nervosas, fibras musculares, estruturas internas que interagem com o externo através da pele e dos sentidos. Interação que incita o homem a tentar controlar o próprio corpo, prever através de campos religiosos e/ou científicos as ações do tempo e espaço sobre ele.

As diversas vertentes de pesquisa a respeito do corpo abrem o leque de perspectivas em que ele pode ser explorado e de que formas é possível conhecê-lo em aspectos sociais, culturais, em determinados grupos ou de maneira individual. “Sendo uma evidência que acompanha todo ser humano, do seu nascimento à sua morte, o corpo é, contudo, finito, sujeito a transformações nem sempre desejáveis ou previsíveis.” (SANT’ANNA, 2001 p.3 e 4)

Investigar o corpo através da história e da cultura mostra a vontade que o homem tem de conservá-lo e mantê-lo sob controle, como acontece até os dias de hoje.

Segundo David Le Breton, “através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade.” (2007, p.7)

No decorrer da história é possível notar que o corpo passou por diversas transformações, paradigmas, hábitos e costumes, sendo construído de acordo com a cultura e sociedade a qual pertenceu em determinada época; “o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural.” (LE BRETON, 2007, p.8)

Na sociedade grega é possível notar a importância do corpo como ideal de beleza pelo modo como os homens e deuses eram representados nas esculturas, que com a evolução das técnicas foram assemelhando-se cada vez mais aos corpos reais, exibindo sua perfeição. David Le Breton afirma que “certamente os gregos não se dissociam do prazer, o gozo do mundo não é proibido apesar dos estorvos da carne.” (2003, p. 13)

Porém, ao contrário dos gregos, a sociedade romana cristã sofre uma repressão corporal devido às imposições religiosas colocadas pela igreja e segundo Beatriz Ferreira Pires “nesse período, a beleza física não era cultuada e qualquer coisa que evocasse a libido deveria ser censurada.” (2005, p. 35)

O mundo sensível não é obra de um Deus de sabedoria e de verdade, mas uma criação defeituosa, um simulacro. O homem participa simultaneamente do reino da luz e das trevas, esquartejado entre o mundo superior e o mundo inferior. Sua degradação não é total, porque, apesar de tudo, possui uma centelha divina. A gnose manifesta um dualismo rigoroso: de um lado, estende-se a esfera negativa – o corpo, o tempo, a morte, a ignorância, o Mal; do outro, a plenitude, o conhecimento, a alma, o Bem etc. Após uma catástrofe metafísica, o Bem caiu na cilada do Mal, a alma tornou-se cativa de um corpo vítima da duração, da morte e de um universo obscuro onde esqueceu a Luz. (LE BRETON, 2003, p.14)

Durante a Idade Média, corpo e alma passam a ser vistos ainda mais sobre as perspectivas e poder do cristianismo, atribuindo o físico como fonte de pecado. Os valores da igreja ao reprimir o corpo, também reprimiam o indivíduo em seus meios de vida social e cultural, controlando sua vestimenta, sexualidade e alimentação; o corpo, finito torna-se uma simples morada da alma - que é imortal – e por isso deve ser conservado em sua vida terrena.

“Prisão da alma, sede dos desejos sexuais, o corpo torna-se um “espaço” suspeito” (SANT’ANNA, 2001, p.17), tornando-se apenas um intermédio de transmissão de valores e ensinamentos que colocarão o homem mais próximo de Deus fazendo-o aceitar e conviver com sua condição de mortal.

Nos séculos posteriores ao período da Idade Média passaram a surgir novas pesquisas sobre o corpo e novos questionamentos como, por exemplo, o corpo cartesiano – separação entre corpo e alma – de René Descartes, que esteve presente por séculos no pensamento ocidental. Apesar disso, a dualidade do corpo vem sendo negada por alguns pensadores contemporâneos, Lucia Santaella diz que “sob as rubricas “crises do eu” ou “crise da subjetividade”, critica-se e rejeita-se a definição de um sujeito universal, estável, unificado, totalizado e totalizante, interiorizado e individualizado.” (2004, p. 15 e 16)

Os conceitos contemporâneos que temos sobre o corpo se expandiram no decorrer da história e avançaram em campos de pesquisa não só antropológicos e sociais, mas também biológicos médicos e artísticos. Os avanços nos conhecimentos sobre o corpo a partir do século XX fizeram o sujeito desprender-se gradativamente dos padrões religiosos e morais até então impostos, impulsionando cada vez mais a busca pela independência de sua identidade.

Desde Marx, Nietzsche e Freud, com a entrada em pauta da ação, vontade e desejo humanos, até então ignorados devido à supremacia da razão, os conceitos sobre a experiência do corpo e sua relação com o mundo começaram a extrapolar sua suposta dimensão exclusivamente natural até então mantida sob a tutela da fisiologia e da anatomia. (SANTAELLA, 2004, p. 27)

O corpo passa a ser tema de reflexões em diversas áreas, tornando-se objeto de reflexão constante: surgem questionamentos sobre seus limites, discussões de gênero, “fronteiras entre o individual e o social, masculino e feminino, vida e morte, natureza e cultura, natural e artificial, presença e ausência, atualidade e virtualidade.” (SANTAELLA, 2004, p.28)

A subjetividade e a ideia do “eu” também entram em foco durante o século XX quando filósofos e pensadores denunciam sua crise no mundo contemporâneo, apontando que as noções de sujeito, indivíduo e subjetividade já estavam desaparecendo desde algumas mudanças culturais iniciadas no século XIX. Ao mesmo tempo em que se dava essa discussão filosófica e social, as mídias passaram a trabalhar cada vez mais através de imagens o imaginário do ego nos indivíduos, preservando a ideia do eu. Como afirma Lucia Santaella, “não parece haver outro caminho para a grande maioria dos seres humanos senão se reconhecer, se relacionar consigo mesmo e com suas vidas de acordo com os discursos, as imagens das mídias e os pressupostos em que se sustentam.” (2004, p. 126)

Desse modo, imagens de corpos evidenciando a ideia do eu passam a ter grande destaque nas mídias através de anúncios publicitários, dando suporte para transmitir ao

público ideais de felicidade através de conteúdo visual que envolvendo principalmente os corpos. Aos poucos o corpo vai deixando de ser

identidade de si, destino da pessoa, para se tornar um *kit*, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal da afirmação pessoal. (LE BRETON, 2003, p. 28)

O corpo ganha destaque na propaganda e no *marketing*, influenciando no imaginário do indivíduo formas de fantasiar sua existência corporal exibindo de formas prontas de como se vestir, andar, gestos, expressões faciais e claro, padronizando como manter a boa forma do corpo. Cuidar da aparência e do físico passa a ser uma forma de manter a autoestima, como se cuidar do exterior do corpo e exibi-lo diante do outro fizesse com que o indivíduo se sentisse bem com seu próprio interior.

Nas últimas décadas foram levantados muitos questionamentos sobre o corpo e seu papel na vida pessoal e social do ser humano: como a importância de cuidar do próprio corpo destacou-se tanto atualmente? Seria uma preocupação com a saúde e bem estar ou apenas influência das mídias? Como (re)significar o corpo tornou-se busca de liberdade e identidade? São diversas as dúvidas que ainda se tem em relação ao corpo e inúmeras as formas de tentar entendê-lo e conviver com ele em sociedade.

Essa vontade de (re)significação do corpo passa a ter a ajuda de novas tecnologias e avanços científicos que facilitam a sua (re)modelação, aumentando a circulação de imagens de corpos ideais, mostrando-os como padrão de beleza e juventude e cada vez mais diminuindo a linha entre o real e o artificial.

O corpo passa a ser um novo ambiente a ser explorado “porque se supõe que ele contém as últimas fronteiras supostamente naturais a serem desvendadas e controladas pela cultura” (SANT’ANNA, 2001, p.18) e “porque é considerado a “última posse” que resta ao indivíduo, ou o único território no qual o ser humano pode exercer a sua liberdade de transformação” (SANT’ANNA, 2001, p.19). Vivendo em uma sociedade tão materialista e massificada, o corpo acaba tornando-se a última possibilidade de libertar-se de padrões socialmente e moralmente impostos.

Sentir-se dono do próprio corpo torna-se sinônimo de ser dono do próprio “eu”, proprietário das próprias vontades e a melhor maneira de mostrar isso acaba sendo através da alteração da aparência de acordo com os desejos e vontades que se tem. “Manipulamos impressões em nossa representação cotidiana, de forma a definir aos outros e a nós mesmos o nosso “eu”.” (KEMP, 2005, p.42)

Juntamente com essa ideia de propriedade “é preciso acrescentar a tendência atual em considerar o corpo como aquilo que é mais próximo da identidade de um ser” (SANT’ANNA, 2001, p.19). Muito se fala atualmente da aparência física e pouco da alma, apenas o externo acaba por demonstrar a identidade do sujeito “e quando o corpo é considerado não mais a sede da alma, nem a morada da subjetividade mas, principalmente, a sua expressão mais autêntica e real, é somente por meio dele que se colocam em evidência as interações e as forças de cada ser humano.” (SANT’ANNA, 2001, p.20)

A sociedade contemporânea enfatiza com mais frequência a exibição e busca da aparência física perfeita, valorizando formas que exigem intervenções cirúrgicas, dietas extremas, utilização de adornos que comprimem o corpo, sapatos de salto alto femininos, entre outros. Segundo Kemp,

na medida em que a cultura definitivamente se desenraiza, perdendo os contornos tão bem definidos – pelo menos para nossa visão anterior de mundo – os movimentos de busca por autenticidade, raízes e originalidade parecem aumentar. Sintoma ou não do que tem sido chamado de “pós-modernidade”, não é possível negar que a identidade tem sido um tema central no momento que enfrentamos. (2005, p.37)

A sociedade atual é tão influenciada por uma cultura que prega o prazer imediato através do consumo, do bem-estar material, de imagens de homens e mulheres com corpos super musculosos e sarados ou muito magros, mulheres “turbinadas” com próteses de silicone, que acabamos tendo uma visão distorcida e incerta sobre qual o correto padrão de beleza atual. Para Goffman, “os valores de identidade gerais de uma sociedade podem não estar firmemente estabelecidos em lugar nenhum, e ainda assim podem projetar algo sobre os encontros que se produzem em todo lugar na vida cotidiana.” (1988, p.139)

A partir do século XX surgiram inúmeras formas de se imaginar e fantasiar inúmeras mudanças do corpo através da tecnologia, avanços científicos e anúncios publicitários; existe uma busca quase desenfreada pela beleza como se a aparência externa do indivíduo pudesse modificar também sua identidade e segundo Lucia Santaella “a relação entre um ser interior que pensa e um exterior do qual o ser pensante está asceticamente separado é uma relação de identidade.” (2004, p.13)

A questão da identidade do eu é cada vez mais explorada pelas mídias através de imagens e anúncios, fazendo com que o indivíduo tenha uma falsa ilusão de que pode adquirir a sua personalidade comprando ideais de beleza e bem estar. Nas mídias o corpo é

sempre colocado como ideal, como a busca da perfeição física e a eterna juventude e beleza tornam-se garantia de felicidade.

O ser humano está o tempo todo construindo e reconstruindo sua identidade a partir da interação social. Ninguém possui apenas uma identidade e sim “múltiplas referências que combinadas nos atribuem a cada contexto diferentes identidades. Somos seres multifacetados, e a cada situação enfrentada deixamos alguma delas à mostra.” (KEMP, 2005, p.31)

O corpo é frequentemente exibido em programas de televisão, revistas, em redes sociais na internet e em todos os lugares criando no imaginário da cultura de massa a aparente ideia de que é possível alcançar *status*, fama e sentir-se atraente apenas tendo um corpo belo. “Na sociedade do espetáculo, a hipervalorização da aparência física do corpo é fruto de sua excessiva exposição no espaço público.” (SANTAELLA, 2004, p.60)

Ao lado desse domínio de movimentos, posturas e expressões corporais há todo o campo de indumentárias, interferências e adornos corporais capazes de comunicarsocialmente a condição de seus indivíduos. A sociedade inscreve-se em nosso corpo, revelando elementos intencionais e não-intencionais por meio dos quais conduzimos nossa opção. (KEMP, 2005 p.32)

O avanço em estudos da psicanálise, genética, medicina, tecnologia, filosofia, entre outros diversos campos, contribuíram para que o corpo fosse cada vez mais questionado e problematizado após o século XX. As vanguardas artísticas do início do século deram um ponto de partida para centralizar questões do corpo na arte, que décadas depois se intensificou com movimentos como o *happening*, a *performance* e a *body art*.

O corpo passa a ter grande importância na arte, centralizando-se como tema de vanguardas estéticas do início do século XX e tornando-se um conteúdo importante das artes e não apenas uma mera representação física; após os anos 60 surgem os movimentos da *Body Art* e da *Performance*, derivados de vanguardas anteriores como o *happening*, por exemplo, que já exploravam a corporeidade durante a execução de seus trabalhos.

A arte passa a refletir a exibição que o corpo ganhava nas mídias. Artistas como Orlan e Stelarc ganham destaque através de seus questionamentos sobre os limites da aparência física, a exibição do corpo e o corpo cibernético e remodelado pela tecnologia. Através de intervenções cirúrgicas a artista contemporânea e *performer* francesa Orlan cria um discurso contra a tirania do espelho e questiona a “questão posta pela estética das transformações contemporâneas do corpo humano” (JEUDY, 2002, p.120). Em parte de sua produção artística que consiste em fazer cirurgias plásticas em seu corpo, a artista altera sua

forma natural transformando seu corpo em objeto de arte e associando as operações a experiências futuristas (figura 1).



Figura 1. Orlan em uma das cirurgias da performance "The Reincarnation of Saint Orlan". (Fonte: <http://requiredtaste.blogspot.com.br/2013/05/an-analysis-of-reincarnation-of-saint.html> > Acesso em 17/12/2013)

Já o artista e teórico australiano Stelarc explora em seu discurso artístico as extensões corporais que por meio da tecnologia e da robótica possam ampliar “as capacidades sensoriais, operacionais, funcionais, perceptivas e motoras do ser humano” (PIRES, 2005, p. 95 e 96). Para ele o corpo humano deve ser reprojetoado através da tecnologia para adaptar aos novos conceitos de humano; em seus trabalhos sempre integra diferentes tipos de tecnologias em seu corpo, como em *performances* onde suspende seu corpo através de ganchos (figura 2) e em outras que proporciona a interação do espectador com sua obra através de comandos virtuais.

Os movimentos artísticos da *Body Art* e da Performance exibem com mais sensibilidade e exploram os limites corporais refletindo o que as mídias padronizam para maior compreensão e reconhecimento da cultura de massa, “o corpo que exorbita é o corpo especular das imagens das mídias; o corpo que prolifera na multiplicação desmesurada de imagens fotográficas e nos desdobramentos virtuais favorecidos pelas novas tecnologias.” (SANTAELLA, 2004, p.128)



Figura 2. Stelarc durante a performance "Ear on Arm suspension", de 2012.
(Fonte: < <http://stelarc.org/?catID=20325> > Acesso em 17/12/2013)

O corpo é exaltado através da exibição, como se essa exaltação pudesse substituir o eu deteriorado ou criar uma nova identidade para o sujeito. O sinônimo de beleza atual se transparece nos corpos jovens, saudáveis e supostamente perfeitos, cultuando o corpo e uma cultura do narcisismo que se faz presente tentando aproximar os corpos cada vez mais do padrão de beleza estabelecido/ imposto.

Aproximar o corpo do padrão de beleza atual significa submetê-lo a dietas, praticar atividades físicas, uso de produtos cosméticos e até intervenções cirúrgicas, tornando-se algo cada vez mais comum. O indivíduo cria personagens moldáveis em seu cotidiano, não se pode exibir o corpo “limpo”, sempre há alguma intervenção para deixá-lo mais bonito e apresentável em determinados ambientes.

Aumentar os seios colocando próteses de silicone, eliminar a gordura indesejada através de lipoaspiração, usar produtos cosméticos no rosto que evitem o aparecimento de rugas é como se houvesse um desejo de que o corpo pare no tempo e não envelheça. Essa vontade de (re)modelar o corpo envolve um mercado que ganha cada dia mais adeptos. Porém, de outro lado, existem grupos com o desejo de (re)modelar e (re)significar seus corpos que não seguem o padrão de beleza convencional e adotam práticas visualmente agressivas e estranhas – para muita gente – para obterem seu ideal desejados, marcando a superfície da pele com tintas e diversos desenhos, adornos de metal e aço em várias partes do corpo, fazendo cicatrizes intencionais com formas e desenhos e também implantes não-convencionais: são os indivíduos adeptos da *body modification* ou modificação corporal.

No decorrer da pesquisa, algumas práticas de modificação corporais mais comuns e também extremas que o trabalho estuda serão explicadas, suas formas de execução, envolvendo também seu contexto histórico e cultural.

2. Modificações corporais

O corpo caminha para a longevidade e ao mesmo tempo para a efemeridade: cirurgias estéticas ou para prolongar a vida, próteses em diversas partes, entre outros meios, dispensam cada vez mais suas funções “orgânicas” e naturais. O crescente número de intervenções cirúrgicas e estéticas mostra a necessidade que o indivíduo tem de modelar seu corpo e torná-lo suporte de suas próprias vontades, beleza e bem estar consigo mesmo.

A busca pela independência dos padrões convencionais e impostos de beleza tem se tornado mais comum e com isso também – principalmente em grandes centros urbanos – a procura cada vez maior de uma marca pessoal, que individualize a pessoa e a torne diferente do outro. Segundo Lucia Santaella, “Não parece haver outro caminho para a grande maioria dos seres humanos senão se reconhecer, se relacionar consigo mesmo e com suas vidas de acordo com os discursos, as imagens das mídias e os pressupostos em que se sustentam.” (2004, p.125)

O termo *body modification*, traduzido para o português como “modificação corporal” é praticamente autoexplicativo: modificar o corpo, alterar sua forma natural através de intervenções conhecidas como a tatuagem, diversos tipos de *piercing*, implante subcutâneo, *branding*, escarificação e suspensão corporal (que apesar de não alterar a aparência física – exceto pelas cicatrizes deixadas após a retirada dos ganchos – é uma forma de alteração interna e de estado de consciência, sendo praticada por muitos adeptos das *body modifications*).

A vontade de modificar o próprio corpo envolve aspectos subjetivos e retrata como certos grupos se identificam e se manifestam diante da sociedade atual, muitas vezes sendo vistos como exóticos ou até mesmo “estranhos” à primeira vista. Seus corpos perfurados, pintados, com implantes e escarificações trazem uma linguagem própria, sendo uma narrativa que se constrói no corpo físico: as experiências gravadas e registradas na própria pele, ao mesmo em tempo que os diferencia de um padrão social – e cultural – do corpo, também os aproxima dos que possuem modificações semelhantes.

No caso da *body modification*, adquirir voluntariamente uma marca corporal faz com que o indivíduo se sinta mais dono do próprio corpo, ao contrário de situações como no nazismo, quando marcas – normalmente números – eram impostas e significavam a perda do corpo - detentor de sua autonomia e parte do grupo dos “modificados”; apesar dessa aparente sensação, grande parte das pessoas são limitadas a, por exemplo, fazer uma tatuagem em um local discreto e de um tamanho moderado para que isso não se torne um estigma em

seu local de trabalho ou em situações mais conservadoras e que não vêm essa marca como algo positivo.

2.1 Tipos de modificações corporais

Após entender como o corpo percorreu a história junto com a humanidade, é necessário então entender como as modificações corporais também o fizeram e estiveram presentes em inúmeras culturas primitivas, orientais e ocidentais. Primeiramente será feita uma análise de cada tipo de modificação corporal que este trabalho pretende estudar, sua origem, modo de execução e representações por meio de fotografias. Compreendidas as técnicas, é interessante também conhecer parte do histórico das modificações corporais no decorrer da história, porque há sempre contextos culturais que explicam estas práticas, nunca são gratuitas ou apenas fundadas em modismos.

As práticas de modificação corporal definidas posteriormente nesta pesquisa serão: *body piercing*, implantes, tatuagem, escarificação, *branding*, *tongue splitting*, *ear pointing* e suspensão corporal.

2.1.1 Body piercing

O *body piercing* é uma técnica de modificação corporal praticada milenarmente por povos tribais, porém não há uma data cronológica exata para sua criação. Sua execução consiste em perfurar a pele com uma agulha com cateter e inserir uma joia ou adorno – normalmente de aço cirúrgico ou titânio – na região perfurada.

Há milhares de anos, tais tipos de adorno são usados por diferentes culturas em cujas sociedades o tamanho e a beleza dos enfeites de madeira, de pedra ou de penas carregam significados de virilidade, coragem, beleza, poder. Basta lembrar dos botocudos, assim chamados pelos portugueses os índios brasileiros que usavam botoques nos lábios e nas orelhas. (RODRIGUES, 2006, p. 41)

O *piercing* como é conhecido hoje chegou ao Brasil através de André Meyer, profissional que conheceu e aprendeu os princípios da técnica em Londres com o australiano Grant Dampsey, atualmente dono de uma das maiores empresas de *body piercing* da Inglaterra e Estados Unidos: a Cold Steel. Segundo Apoenan Rodrigues, “foi com Grant Dampsey, um dos pioneiros do *piercing* moderno, que André se perfurou e aprendeu os primeiros passos da arte” (2006, p. 40). Além disso, André se especializou com povos tribais na Índia, aprendendo também o lado primitivo da técnica.

A prática cresceu no Brasil a partir dos anos 90, quando surgiram diversos adeptos e o modo de execução se tornou menos caseiro, com o surgimento do *piercing* em conjunto com os estúdios de tatuagem. Um dos profissionais mais conhecidos e respeitados no meio é Snoopy, que trabalha na cidade de São Paulo, realiza cursos e *workshops* de perfuração corporal e foi um dos fundadores da Associação dos Tatuadores e Perfuradores do Brasil

Transpassar o corpo envolve mais do que interferir com a pele – envolve interferir com a carne, com o sangue e, em alguns casos, com a cartilagem. Diferentemente da tatuagem, a aplicação do *piercing* afeta de modo bem mais intenso e profundo o corpo do indivíduo que o recebe e a percepção do indivíduo que a vê. (PIRES, 2005, p.79 e 80).

Os locais do corpo perfurados mais comuns são orelha, nariz, umbigo, sobrancelha, língua ou lábios, mas também existem *piercings* genitais masculinos e femininos que são colocados em diferentes pontos nessas regiões. Além desse método mais comum de perfuração do *piercing* que transpassa uma joia em uma parte do corpo (figura 3), existem também outras variações da técnica que vão até a colocação de implantes subdermais ou transdermais. O *surface* (figura 4) é um tipo de *piercing* que transpassa uma área maior da

pele em sua aplicação, já o microdermal (figura 5) é uma pequena joia onde parte dela é implantada na camada da pele, sendo possível trocar apenas a camada externa.



Figura 3. Piercing feminino na região do umbigo.



Figura 4. Tipo de *surface piercing* na região da nuca.
(Fonte: <
<http://www.bme.com/media/photo/3415994/?cat=pierce/11-surface&page=1> > Acesso em 19/12/2013)

Existe também a possibilidade de expansão de brincos nos lóbulos ou cartilagem das orelhas, lábios e até mesmo do nariz e septo, conhecidos como alargadores ou expansões (figura 6). Tribos primitivas, inclusive no Brasil, realizavam essas expansões para demonstrar *status* social e com fins estéticos. Atualmente é uma forma bastante comum entre os adeptos das modificações corporais. Em geral as joias das expansões são feitas de aço cirúrgico, acrílico e algumas em bambu ou madeira por diminuírem o odor na região expandida.



Figura 5. Piercing microdermal na região do tórax.



Figura 6. Expansão em formato oval no lóbulo da orelha.

2.1.2 Implante transdermal e subdermal

Os implantes são tipos de modificação corporal inseridos no corpo com a finalidade de criar uma arte corporal tridimensional, técnica criada por Steve Haworth, modificador corporal que vive na cidade de Phoenix nos Estados Unidos, em meados dos anos 90 a partir do desenvolvimento do que Beatriz Ferreira Pires (2005) afirma serem elementos de aço cirúrgico e de teflon que são implantados sob a pele. Os implantes podem ser classificados em transdermal ou subdermal, ou seja, colocados de forma parcial ou total sob a pele. No Brasil as técnicas se tornaram conhecidas no Brasil através do profissional André Fernandes, de São Paulo, a partir do ano 2000.

Poucas informações foram encontradas na web sobre como é implantada a joia transdermal, apesar da quantidade de fotos pouco se explica a respeito do processo, mas sabe-se que sua colocação parcial sob a pele pode ter um tempo de cicatrização demorado, dependendo do organismo da pessoa que o coloca. Na maioria dos casos acontece a rejeição do corpo, que após um determinado tempo expõe a joia.



Figura 7. Colocação de implante transdermal. A joia cria um aspecto biomecânico no corpo. Fonte: news.bme.com (Fonte: < <http://news.bme.com/?s=transdermal+implant&submit=Search> > Acesso em 19/11/2013)

A prática não é muito comum no Brasil por ser um procedimento complexo de realizar e também por não existirem fabricantes de peças no país, o que aumenta o custo da execução. Além disso, a colocação dos implantes transdermais exigem muito cuidado durante a cicatrização para que não cause inflamações e nem a rejeição precoce da peça colocada.

Já o implante subdermal consiste em implantar peças tridimensionais – que podem ter vários formatos como coração, circular, estrela, etc – abaixo da pele. As peças do subdermal normalmente são feitas de silicone e PTFE.

Por se tratar de um procedimento cirúrgico, os cuidados e a procura de um bom profissional para a execução são indispensáveis e deve-se ter cuidado na aplicação de anestésicos que não causem reações alérgicas. Como as joias ficam totalmente debaixo da pele o procedimento tem mais aceitação e impossibilidade de rejeição do corpo do que o implante transdermal.



Figura 8. Implante subdermal cicatrizado em forma de coração.

2.1.3 Tatuagem

A técnica de execução da tatuagem consiste em inserir permanentemente pigmentos (normalmente tinta especial para esta finalidade) na pele na maioria das vezes por meio de agulhas e é a forma de modificação corporal mais conhecida e popular atualmente (junto com o *body piercing*). Técnicas de remoção atuais permitem que um desenho possa ser apagado do corpo, porém ainda é um processo demorado e muitas vezes mais doloroso que o de fazê-la e também mais caro.



Figura 9. Tatuagem na região das costas em estilo tradicional americano – *Old School*.

Não se sabe com exatidão cronologicamente quando a tatuagem surgiu e nem um local específico, são duas as possibilidades para o seu nascimento segundo arqueólogos e historiadores: “a tatuagem nasceu uma única vez e se espalhou pelo mundo ou nasceu mais de uma vez, filha de muitos pais, em todos os continentes” (MARQUES, 1997, p. 13). É possível que ela tenha sido reinventada com o passar do tempo, alterando as técnicas, formas e desenhos de acordo com cada povo.

Existem hipóteses de que ela foi transmitida de um povo para outro através das expedições e migração de sociedades primitivas. Os homens primitivos criavam desenhos em seu corpo “para marcar os fatos da vida biológica: seu nascimento, puberdade, reprodução, morte. Depois, os fatos da vida social: virar guerreiro ou sacerdote ou rei, casar-se, celebrar a vitória, identificar os prisioneiros, pedir proteção ao imponderável, garantir a vida do espírito antes, durante e depois do corpo.” (MARQUES, 1997, p. 14)

A palavra *tattoo* foi usada pela primeira vez em 1769 pelo capitão James Cook, após ouvir o termo dito por nativos em sua viagem aos Mares do Sul. Como explica Toni Marques,

vinda de *tatau*, a onomatopéia de tatuar. Os taitianos usavam uma espécie de pequeno ancinho de jardinagem, feito de cabo de madeira e um pente de osso humano que serrilhavam na borda para que ficasse dentada. Sobre o ancinho batiam



Figura 11. Desenho de tatuagem com motivo americano feito pelo tatuador Sailor Jerry. (Fonte: < <http://sailorjerry.com/tattoos/> > Acesso em 18/11/2013)

Os portos foram a grande abertura para a entrada da tatuagem no Brasil; os tatuadores estrangeiros permaneciam nos portos tatuando por algum tempo e após juntarem dinheiro partiam de volta nos navios, mas o dinamarquês Lucky – conhecido como Mr. Tattoo – ficou no país de 1959 a 1983. Knud Harald Likke Gregersen (seu verdadeiro nome) desembarcou no porto de Santos no dia 20 de julho de 1959 apresentando-se como desenhista e pintor.

Passados menos de seis meses, Knud Harald era notícia de jornal. No dia sete de janeiro, a *Folha de S. Paulo* o fotografou. Aos olhos das autoridades, desenhista e pintor, aos olhos do povo de Santos, Mr. Tattoo, ou como ficou conhecido no Brasil e no mundo, Tattoo Lucky. (MARQUES, 1997, p. 176)

Antes de estabilizar-se como tatuador foi marinheiro e riscava a pele das tripulações para pagar suas viagens. Lucky teve dois estabelecimentos na cidade de Santos e viveu na cidade por 18 anos; depois mudou-se para Itanhaém onde teve um estúdio por cinco anos e faleceu em Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, em 1983, onde teve seu último estúdio durante um ano.

Seu estilo ficou conhecido por surfistas do Rio de Janeiro que na época viajavam até Santos só para se tatuar com ele; a partir dos anos 70 a tatuagem moderna foi se popularizando no Rio e em São Paulo. Os estúdios de tatuagem começaram a se popularizar já que nem todos possuíam dinheiro para viajar e fazer uma tatuagem com Lucky; após os anos 70 tatuadores pioneiros treinavam traços em seus amigos com agulha e nanquim e até mesmo no próprio corpo.

As primeiras máquinas eram conseguidas através do jeitinho brasileiro.

Segundo Toni Marques,

assim que alguém conseguia uma máquina americana ou inglesa, tratava de desmontá-la e decifrá-la. Boa parte das máquinas usadas nas primeiras lojas veio dessa reciclagem. As ponteiros eram feitas de caneta Bic. Houve quem usasse agulha de seringa hipodérmica. (1997, p. 192 e 193)

As primeiras máquinas produzidas e comercializadas em território nacional surgiram em Rio Claro, fabricadas artesanalmente por um homem conhecido como Mr. Rudy, que logo se espalharam pelo Brasil, facilitando a vida de tatuadores que não compravam materiais importados. Com o tempo surgiram outros fabricantes na região do Rio de Janeiro e atualmente o mercado nacional de materiais em geral é bem amplo, com sites que vendem pela *web* máquinas, tintas, agulhas e também materiais da parte de higiene e cirúrgica. Atualmente os profissionais tatuadores precisam seguir uma série de medidas de higiene e biossegurança em seus estabelecimentos para evitar a contaminação dos clientes; a grande maioria do material utilizado é descartável ou deve ser devidamente esterilizado.



Figura 12. Modelo de máquina de tatuagem atual. Existem também outros modelos com diferentes designs e funcionalidades.

2.1.4 Escarificação e Branding

A escaurificação produz desenhos no corpo através de cicatrizes. Toni Marques afirma que ela “é um sistema de cicatrizes em alto-relevo; uma escultura arranhada na pele: a arte dos queloides. Geralmente os queloides se formam como resultado do processo de cicatrização. O acúmulo de fibroma duro dá a aparência de inchaço.” (1997, p. 132)

Não há uma data nem local certos onde essa prática nasceu, é possível que uma de suas origens tenha sido em tribos de pele escura já que a pigmentação do corpo com tintas talvez não fosse um método tão eficaz. Algumas tribos africanas possuíam grande variedade de traços e motivos em suas escaurificações, normalmente feitas no tronco e nos braços por aborígines do sul, por exemplo. Toni Marques afirma sobre esses povos que “em geral, a escaurificação é feita em dois tempos. Um espinho é introduzido sob a pele, ao longo dos traços previamente desenhados. A pele é levantada, para em seguida ser cortada por lâmina de pedra ou de metal” (1997, p. 132).



Figura 13. Escarificação tribal da região do Sudão, África. (Fonte: < <http://kwekudee-tripdownmemorylane.blogspot.com.br/2012/09/tribal-facial-and-bodily-marks-in.html> > Acesso em 17/11/2013)

Para muitas sociedades primitivas essas marcas tinham caráter social, mostrando a posição do indivíduo através do número de cicatrizes que carregava em seu corpo. Os desenhos variavam de acordo com a etnia de cada tribo e expressava

acontecimentos sobre a vida, iniciação em rituais e em alguns casos também com fins medicinais.

Os pessoribes, povo africano de Benin possuem uma tradição na escarificação tanto em homens quanto em mulheres como ritual e identificação tribal: quando a criança tem mais ou menos dois anos de idade e é desmamada pela mãe são feitos cortes no rosto e parte da cabeça, com lâminas de fragmentos de metal para marcar a infância. Já no ritual de passagem para a vida adulta são feitas incisões no peito que simbolizam a maturidade.

No contexto das modificações corporais existem atualmente inúmeras técnicas para a execução das escarificações. Dentre as formas mais conhecidas existem o *cutting*, feito através de cortes na pele com bisturi ou lâmina cirúrgica, o *skinning* (figura 14), que remove tecidos da pele com o uso de bisturi e o *branding*, que geralmente é gravado na pele a partir de uma queimadura com uma peça de metal aquecida (figura 15). Há também outras formas de fazer escarificações a partir da aplicação de químicos (ácido clorídrico e sulfúrico, por exemplo), entre outros meios menos convencionais.



Figura 14. Escarificação em forma de coração feita com a técnica de *skinning*. (Fonte: < <http://www.bme.com/media/photo/3409954/?cat=scar/sr&page=1> > Acesso em 19/12/2013)



Figura 15. *Branding* feito nos dedos das mãos. (Fonte: < <http://news.bme.com/page/2/?s=branding&sbmit=Search> > Acesso em 18/11/2013)

No Brasil é difícil encontrar profissionais pioneiros nessa prática, dificultando o acesso à informação de como ela chegou ao país. No ano de 2006 foi realizada a primeira convenção de escarificação nacional, a Conscar, que aconteceu no Iritsu Tattoo Shop em São Paulo. Até hoje já acontecerem três edições do evento.

2.1.5 Tongue splitting e Ear pointing

O *tongue splitting* e o *ear pointing* são dois tipos extremos de modificação corporal irreversíveis sendo, respectivamente, práticas de bifurcação da língua na parte central e remoção de parte da cartilagem superior da orelha, criando um aspecto de orelha de elfo. No caso da bifurcação da língua, o procedimento pode ser realizado com técnica a laser, corte com lâmina ou cauterizador. Cada técnica tem sua forma de execução específica e o tempo de cicatrização pode durar em torno de um mês.

A prática contemporânea do *tongue splitting* iniciou-se em meados dos anos 90 e popularizou-se entre amantes da modificação corporal extrema após os anos 2000, período que também começaram a ser vistas no Brasil. Devido à aparência que lembra a língua de uma serpente, muitas vezes pode ser encarada como uma prática estranha ou incomum à primeira vista. Deve-se procurar um profissional qualificado que saiba realizar o procedimento dentro dos padrões de higiene e segurança para evitar infecções.



Figura 16. *Tongue splitting* antes e após a cicatrização. Técnica de execução não definida. Fonte: news.bme.com (Fonte: < <http://news.bme.com/tag/tongue-splitting/> > Acesso em 17/12/2013)

Já a técnica do *ear pointing* remove parte dos tecidos da cartilagem da orelha e a sutura é feita para que a orelha fique com o aspecto de uma orelha de elfo depois de cicatrizada. Supõe-se que a prática começou a ser feita entre os anos 90 e 2000, mas ainda não é muito popular no mundo nem no Brasil já que existem poucos profissionais capacitados para executá-la. Durante a pesquisa não foram encontrados dados sobre o tempo de cicatrização desta técnica.

É necessário ressaltar que ambas as práticas descritas nesta seção do trabalho são procedimentos cirúrgicos feitos à base de anestesia e devem ser realizadas por profissionais especializados para não trazer riscos à saúde.



Figura 17. *Ear pointing* durante e após cicatrização. (Fonte: < <http://news.bme.com/?s=ear+pointing&submit=Search> > Acesso em 17/12/2013)

2.1.6 Suspensão Corporal

A suspensão corporal consiste na elevação de um indivíduo por ganchos ou anzóis perfurados em diferentes pontos de seu corpo; “a quantidade de anzóis/ganchos é determinada pelo peso do indivíduo; já a posição em que o corpo será elevado e o tempo que a suspensão vai durar dependem do domínio que o sujeito tem sobre seu corpo” (PIRES, 2005, p.148). As formas de suspender o corpo são diversas, estima-se que existe cerca de 40 posições em que o corpo pode ser suspenso, a mais comum é conhecida como *Suicide*, onde são colocados dois ganchos na parte superior das costas (figura 18).



Figura 18. Ganchos colocados nas costas durante a suspensão *Suicide*. (Fonte: < <http://news.bme.com/?s=suspension&submit=Search> > Acesso em 17/11/2013)

Em culturas antigas como a hindu a suspensão era feita por religiosos para fins espirituais. Apesar de não ser uma forma de alteração física – exceto pelas cicatrizes deixadas pelos ganchos – ela é uma prática considerada dentro das modificações corporais por seus adeptos como uma forma de ritual com o corpo, alteração da consciência através do corpo físico. É muito comum a exibição de *shows* de suspensão durante eventos como as convenções de tatuagem ou relacionados à outras modificações corporais.

Os rituais de suspensão como são conhecidos hoje foram inseridos a partir dos jogos de suspensão de Fakir Musafar – sua importância na comunidade da modificação corporal será citada mais adiante neste trabalho – e Jim Ward, quando retomam rituais de índios americanos como a Dança do Sol e o O-Kee-Pa (figura 19). No filme *Dances Sacred and Profane*, do início da década de 80, Fakir realiza uma versão desses rituais suspendendo seu corpo “por dois ganchos que perfuram seu peito em dois pontos distintos.” (PIRES, 2005, p. 122)



Figura 19. Fakir Musafar durante ritual de suspensão. (Fonte: < <http://scabboy.tumblr.com/post/460311112/a-mid-70s-photo-of-fakir-musafar-by-charles> > Acesso em 17/11/2013)

André Meyer, que trouxe para o Brasil as técnicas de perfuração do *piercing*, também foi pioneiro a trazer o *show* de suspensão. Ele, segundo Apoenan Rodrigues:

Passou semanas sem comer carne ou fumar. Horas antes do evento, alimentou-se apenas de frutas, sucos e de umas sopinhas japonesas. Sentia-se relaxado, mas tentou aumentar a concentração. Afinal, naquela noite o objetivo era, de acordo com suas palavras, realizar o embate entre corpo e mente, espírito e matéria. (RODRIGUES, 2006, p. 46 e 47)

Atualmente existem no Brasil grupos que realizam *workshop* e apresentações em eventos, dentre eles os Diabos Mutantes Equipe de Suspensão, que existe desde o ano de 2006 na cidade de São Paulo e também o *performer* T. Angel, que além de usar a suspensão corporal como reinvenção do corpo em suas apresentações, também participou de organização de eventos e convenções de *body modification* no Brasil – a Conscar (já citada na seção de escarificação e *branding*) e duas edições da Frrrkcon em 2008 e 2009.

2.2 Histórico da modificação corporal no mundo e no Brasil

A modificação corporal conhecida e praticada nos dias de hoje deriva de vários fatores culturais e sociais que envolveram o corpo no decorrer da história. Faz parte da natureza humana mudar as coisas à sua volta, mas percebendo que isso ainda não era suficiente, o homem passou a modificar seu próprio corpo. Por instinto, para demonstrar coragem, bravura ou pelo simples desejo de ser desejado. Marcar a pele é auto decodificar-se. Segundo Jeudy,

não se sabe por que as pinturas corporais responderiam a uma função coletiva nas sociedades primitivas e a uma função de individualização nas sociedades ocidentais. Ao contrário, a complexidade da pintura sobre a pele liga-se ao fato de que ela traduz simultaneamente uma expressão coletiva e individual. (2002, p.90)

Desde o início da descoberta das marcas corporais por povos europeus o preconceito e aversões sempre existiram, mas é importante entender que antes da prática de tatuar e fazer modificações no corpo inserir-se na cultura brasileira e do resto do mundo da maneira como é atualmente, ela foi usada por índios e civilizações antigas, porém com outros significados: para diferenciar suas tribos, como estética, crença, estilo de vida e até mesmo espiritualidade. Além do Brasil, povos da região do Oceano Pacífico e Oriente como o Havaí, Nova Zelândia, Tailândia, Indonésia, Japão, entre outros, tatuavam-se para mostrar sua autenticidade, hierarquia social, sua cultura e arte local.



Figura 20. Instrumento de origem Maori utilizado na prática da tatuagem. Normalmente eram feitos a base de madeira e ossos de animais. (Fonte: <<http://blog.teenk.com.br/2013/01/23/tatuagem-a-etimologia-da-palavr/>> Acesso em 18/11/2013)



Figura 21. Ilustração feita por Sydney Parkinson de homem Maori, Nova Zelândia. (Fonte:<<http://blacknuba.wordpress.com/2012/03/17/sydney-parkinson/>> Acesso em 21/12/2013)

Como afirma Beatriz Ferreira Pires, “as relações de mão dupla entre corpo e cultura sempre existiu. As formas como ambos refletem e espelham um ao outro mudam conforme as normas e os interesses da sociedade à qual pertencem” (2003, p.26). Desse modo, estudar a história da humanidade através do corpo é uma forma de compreender as relações dos indivíduos com a cultura e a sociedade a qual estes pertenceram.

Não há um local ao certo para se afirmar onde a modificação corporal nasceu; sabe-se que a tatuagem – forma tão antiga quanto as pinturas rupestres - surgiu em diferentes partes do mundo através de diferentes povos, indígenas ou não. Kênia Kemp ressalta que “o Homem modifica o corpo em qualquer cultura. A forma estética, os meios que são usados ou a ocasião para mostrá-los, vai depender da lógica de cada cultura visa como totalidade.” (2005, p.83)

O processo de modificação corporal a partir de tatuagens e cicatrizes iniciado com as tribos mais primitivas cresceu junto com a história da humanidade; a forma de inscrição corporal mais antiga que se tem dados são cicatrizes com pigmentações de diversos materiais orgânicos, uma espécie de “prévia” da tatuagem. Embora pouco estudada por arqueólogos e historiadores, esteve presente em civilizações, guerras, disputas e na vida cotidiana de indivíduos que representavam situações vividas em seus corpos.

Os primeiros vestígios de modificação corporal realizada pelo homem voluntariamente em seu corpo foram encontrados em regiões de Dorgone, na França e na Síria, datadas do período Paleolítico superior entre 40 mil e 10 mil a.C. Toni Marques afirma que

em Dorgone, arqueólogos acharam ferramentas pontiagudas, inclusive agulhas, feitas de pedra e chifres, pertencentes à cultura Magdaleniana (15 mil a 10 mil a.C.). Em Mousterien, em meados da era paleolítica (entre 200 mil e 60 mil a.C.), os homens adornavam o corpo com pó de ocre, corante mineral, que, por intermédio de calcinação, transformavam em vermelho. Nos sítios de Niandertal (700 mil ou 500 mil a.C.), também havia pigmentos naturais. A ideia, parece, era desenhar no corpo do morto. (1997, p. 14)

Além disso, uma das evidências mais antigas de um corpo marcado que se sabe hoje é de Ötzi, conhecido como “Homem de gelo”, encontrado na fronteira da Itália com a Áustria em 1991, datado de 5300 a.C, período Neolítico. Em seu corpo congelado era possível ver “linhas paralelas ao longo da região lombar da coluna, uma cruz abaixo do joelho esquerdo, e faixas no tornozelo direito. São tatuagens” (MARQUES, 1997, p.16). Não se sabe qual o significado que essas marcas tinham, mas especula-se que tinham um significado pessoal já que ficavam em regiões cobertas pela roupa.

No Egito também foram encontradas marcas corporais na múmia da princesa Amunet, que viveu cerca de 2000 a.C. e possuía desenhos abstratos feitos com pontos e linhas em algumas regiões do corpo, incluindo a barriga. Além disso, no Egito foram encontrados instrumentos feitos de lascas de sílex em cabos de madeira para a prática de tatuagem.

Povos citas, trácios e tebanos modificavam seus corpos: os trácios e tebanos possuíam desenhos cicatriciais semelhantes a escarificações. Um corpo cita encontrado em Pazyryk, nas montanhas Altai possui vestígios de tatuagens que cobriam os ombros, braços e parte inferior da perna direita; eram desenhos de animais com capuzes e penachos.

O Cristianismo foi um dos vilões da tatuagem. Ela já havia sido banida no período em que Roma se cristianizou: o imperador Constantino I proibiu que seus soldados possuíssem qualquer marca em seu corpo trazida da batalha contra os pictos; a principal justificativa era que o homem não pode modificar ou danificar a criação de Deus.

Na tradição ocidental, iniciada na Grécia, as tatuagens eram utilizadas para marcar o corpo ou o rosto de indivíduos que deveriam ser reconhecidos como escravos, portanto como “coisas”, ou como “problema” social. Impingir um *stigma*, uma marca infame a uma pessoa, era o recurso visual utilizado para discriminar, excluir do contato social. (KEMP, 2005, p.58)

A Idade Média proibiu a tatuagem e outras marcas corporais, até mesmo as de nascença, cicatrizes ou qualquer outra coisa que pudesse ser uma *stigmata diaboli* – a marca do diabo: “o corpo alterado virava, automaticamente, a moradia do Cão” (MARQUES, 1997, p.34). Qualquer sinal no corpo já era motivo suficiente para ser jogada nas fogueiras da Inquisição. Até uma simples deformidade da pele ganhava interpretações absurdas que identificavam seu portador como um adorador das forças do mal.

O período de descoberta do Novo Mundo a partir do século XIII encontrou novos povos com culturas, costumes e crenças distintos dos europeus. Em todos os continentes foram encontrados povos com tatuagens; essas marcas feitas por todo o corpo tinham diferentes estilos e significados para cada tribo: para algumas era o principal artefato de beleza das mulheres, e para os homens eram as marcas de sua vida à flor da pele: nascimento, puberdade, maturidade e suas conquistas. Segundo Toni Marques,

(...) de uma perspectiva totalizante, podemos dizer que o sujeito primitivo carregava todas as informações importantes para si mesmo e sua gente, de maneira a não deixar dúvida quanto a seu papel social e seu estágio biológico. O cadastro da tatuagem e da escarificação nas sociedades que o Velho Mundo ignorava é um misto de bandeira, atestado de nascimento, carteira de identidade, certificado de alistamento militar, diploma de honra ao mérito, melancia no pescoço, vestimenta, lingerie sexy, aliança de casamento, crachá, joia, amuleto, imagem de santo, remédio, roupa de luto, biografia. (1997, p. 67)

Povos tatuados no Haiti, relatados pelo espanhol Gonzalez Fernandez de Oviedo em 1535 utilizavam as pinturas de seus corpos para fins religiosos. Ele também registrou as marcas permanentes feitas por povos onde hoje é a Nicarágua.

Em 1566 uma mulher e uma criança esquimós da região do Canadá foram levadas para a Europa: a mulher tinha seu rosto marcado por linhas azuis nas bochechas e no queixo, feitas por seu marido, para que pudesse reconhecê-la. Já em 1632, o francês Sagard comparou as marcas do povo huron às feitas pelos cavaleiros que retornavam das missões de Jerusalém, no período das Cruzadas: desenhos perfurados na pele que marcavam os corpos para sempre.

No Brasil os índios realizavam pinturas corporais com urucum e jenipapo em rituais de nascimento e puberdade, por exemplo; durante os rituais os pigmentos “eram introduzidos por espinhos vegetais, ossos e dentes de animais e pedras ou então esfregados sobre incisões prévias.” (MARQUES, 1997, p. 121)

São vastos os registros de escarificações (pigmentadas ou não) e tatuagens feitas por tribos brasileiras. Ao chegar no Brasil as tripulações de Pedro Álvares Cabral se depararam com muitos indígenas com os corpos marcados e adornados (alguns possuíam tatuagens definitivas, outros não, variando de acordo com a tribo). O comerciante francês Paulmier de Gonneville relatou ter visto índios tupiniquins e tupinambás com escarificações e lábios perfurados com pedras verdes encaixadas – uma espécie de *piercing*.



Figura 22. Ilustração de botocudos, índios de origem macro-jê, chamados dessa forma devido aos adornos - botoques - que usavam nos lábios e lóbulos das orelhas. (Fonte: < <http://www.tudoporaqui.com.br/prefeitura-municipal-de-campo-do-tenente.html> > Acesso em 18/11/2013)

Das tribos descobertas pelo Brasil no século XVI, os mais citados com modificações pelo corpo foram os tupinambás, tabajaras e guaranis. Os principais motivos das tatuagens e cicatrizes eram relacionados a rituais de iniciação, hierarquia, como ornamento sexual, magia, medicina, sacrifícios e entre as mulheres também ritos de iniciação da puberdade.

Existem relatos de religiosos como Jean de Léry de tribos que realizavam incisões no peito, braços, coxas e barriga e aplicavam um pó negro para perdurar as marcas; o ritual era feito após sacrifícios humanos e o número de cicatrizes indicava o número de vítimas sacrificadas. O jesuíta Fernão Candim que viajou pelo Brasil de 1583 a 1590 também relatou incisões feitas por índios canibais durante rituais.

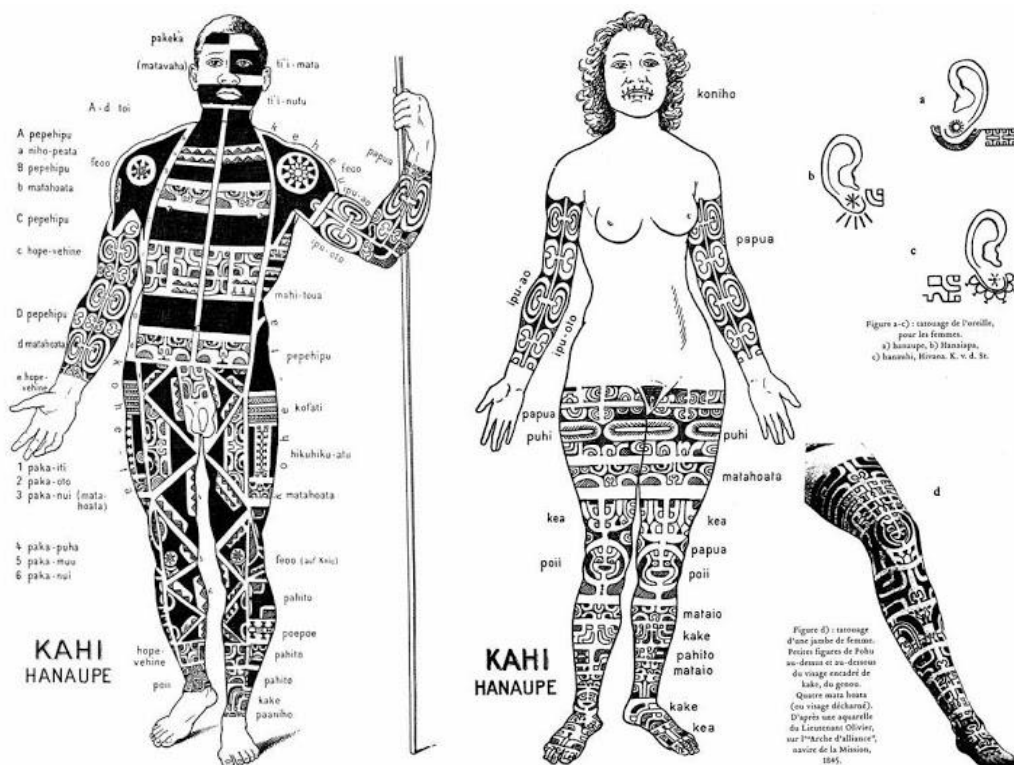
Os instrumentos utilizados pelos índios para tatuagem e escarificação tinham origem vegetal, animal ou mineral. Toni Marques relata que

os paianas usavam espinhos murmuru. Os mahués, bico de tucano. Os tupinambás observados por D'Abbeville, ossos de animais, que afiavam. Os aritis, espinhos de gravatá. Os tapirapés, uma fileira de quase vinte dentes de peixe-cachorro, encravados num pedaço de cuia.

O pigmento dos tupis vinha na mistura de sumo de jenipapo, resina de jatobá e cinza de cernambi. Os guaraios queimavam animais e utilizavam as cinzas. Os auitos e os camairás usavam barro amarelo misturado com sumo e cinzas vegetais. Os paianas, sumo de jenipapo verde e fuligem de cernambi queimado. Os nhambiquaras, urucum. (1997, p. 129)

Os desenhos feitos nas peles frequentemente possuíam padrões geométricos “em forma de linhas, tramas ou manchas, feitas tanto no rosto quanto no corpo, muitos dos quais desprovidos de pigmentação, semelhantes aos dos aborígenes australianos” (MARQUES, Toni. 1997, p.130). Alguns exemplos de desenhos são dos mundurucus que tinham linhas da cabeça aos pés, como se tivessem sido penteados e dos jumanas, que faziam um traço que ligava os lábios à orelha.

Outro povo que marcou a rota de viagens pelo Novo Mundo, no século XVI, em 1595, foram os habitantes das Ilhas Marquesas: os espanhóis encontraram homens com tatuagens azuis por todo o corpo e rosto. Na América Central foram encontrados os Maias que além da tatuagem faziam *piercings* e escarificação introduzindo resina vegetal nos cortes. Houve também a descoberta de marcas corporais dos povos do Oceano Pacífico, nos chamados Mares do Sul. “Ao abrir as águas polinésias à sanha do homem branco, os exploradores fizeram a tatuagem invadir a Europa, a bordo dos nativos recolhidos para amostra e dos bravos marinheiros. Mais tarde, os piratas a adotariam.” (MARQUES, 1997, p.40)



Figuras 23 e 24. Ilustrações feitas por Karl von den Steinen com desenhos de tatuagem masculina e feminina do estilo polinésio, originário das Ilhas Marquesas. (Fonte: < <http://www.schattenblick.de/infopool/geist/history/ggkul081.html> > Acesso em 18/11/2013)

No século XVI era comum franceses “importarem” índios para colocar em suas casas, como se fosse um artefato de luxo. Isso também nos faz pensar em quantos índios tatuados podem ter adentrado a casa de pessoas nobres, influenciando-as subjetivamente a gostas das pinturas feitas em corpos, algo que era cada vez mais comum de se ver em seus lares.

Em meados de 1512 já era possível ver índios brasileiros na Europa, alguns tupis foram levados para a França e suas marcas corporais – linhas azuladas no rosto e cicatrizes – despertavam a curiosidade para esses tipos de práticas. Também foi relatada a presença de um índio tabajara que tinha tatuagens por quase todo o corpo.

Durante as idas e vindas das viagens, muitos índios foram levados ao Velho Mundo. Um dos primeiros foi um escravo da ilha de Meangis, nas Filipinas, o Príncipe Jeoly, já no século XVII. Suas tatuagens viraram seu “ganha pão” em Londres até o dia de sua morte - causada pela varíola.

Os africanos que foram trazidos ao Brasil como escravos também trouxeram em seus corpos escarificações e marcas que eram feitas em rituais de passagem que tinham significados como criação e maturidade ou em relação à bravura perante a tribo. Os povos que se destacavam nessas práticas pertenciam a regiões onde atualmente são a Burkina Fasso,

Camarões, Congo, Gana, Madagascar, Moçambique, Nigéria, entre outros. Os desenhos variavam de acordo com a região: “em Camarões, vemos riscos diagonais formando losangos na barriga e no peito. No Congo, entrelaçamentos curvilíneos na região lombar. Os pontilhados nas costas dos nuba do Sudão parecem grãos de café prestes a romper a pele.” (MARQUES, 1997, p134)

A escarificação africana possuía uma grande variedade de traços e motivos, normalmente feitas no tronco e nos braços, mas essa prática não foi muito realizada pelos africanos que vieram para o Brasil e serviu apenas como uma espécie de resistência cultural vinda através de suas peles já que, arrancados de sua terra natal, não tiveram como manter seus costumes tribais por muito tempo, e logo foram substituídas por marcas de posse e da escravidão pelos senhores de escravos.

A partir de 1519 virou lei marcar os escravos a partir de regimento de D. Manuel sobre as taxas de importação; os africanos que chegavam ao Brasil eram marcados com ferro quente nos ombros, peito, barriga ou braços para identificação da “mercadoria” chegada dos navios negreiros. Nos portos o marcador de escravo “imprimia os monogramas dos proprietários e, ainda, o sinal que atestava estar quitado o pagamento dos direitos de importação. Uma terceira marca, em forma de cruz, queimada no peito, assegurava que o escravo, antes de embarcado, havia recebido o batismo” (MARQUES, 1997, p. 135 e 136). A partir de 1831 o tráfico de escravos se tornou ilegal, restando apenas vestígios nas peles negras.

Após os europeus explorarem e colonizarem terras na América, Oceania e Sudeste Asiático e a extinção de hábitos culturais e nativos dos povos restaram poucos vestígios das modificações corporais primitivas feitas por tribos locais; o redescobrimento dessas práticas, principalmente a tatuagem, pelo Ocidente deu-se através da abertura do Japão durante o século XIX: a técnica conhecida atualmente como estilo oriental nasceu durante o período Edo, entre os séculos XVII e XIX e dentre os estilos mais conhecidos havia o *horibari*, no início feito apenas pelos nobres e ricos, mas que em meados do século XVIII se popularizou. Toni Marques afirma que a tatuagem no Japão

cairia na clandestinidade em 1870. Por essa época, já tinha seduzido gerações de marinheiros e milionários ocidentais.

O banimento do Japão e o sucesso no Ocidente levaram tatuadores japoneses a abrir lojas nos Estados Unidos e na Inglaterra. O antropólogo Sturtevant afirma que a técnica euro-americana dos tatuadores profissionais deve mais ao Japão que à Polinésia. (1997, p. 50)



Figura 25. Homens tatuados com motivos japoneses entre os séculos XIX e XX. (Fonte: < http://www.vanishingtattoo.com/tattoo_museum/history.html > Acesso em 18/11/2013)

A prova maior de que a tatuagem havia realmente retomado o Ocidente foi em meados de 1800, quando os marinheiros passaram a tatuar “motivos europeus” em seus corpos. Além da tatuagem, outras técnicas da *body modification* conquistaram totalmente não só a Europa, mas também a América. Pessoas passaram a virar “atrações circenses”, percorrendo regiões e contando aos públicos suas histórias e exibindo seus corpos marcados e perfurados. Além disso em meados do século XIX muitas cidades portuárias foram invadidas por marinheiros tatuados e tatuadores que viajavam pelo mundo nos navios marcando corpos pelo mundo todo, inclusive no Brasil.



Figura 26. Betty Broadbent, artista circense americana do século XX tinha tatuagens espalhadas por todo o corpo. (Fonte: < <http://www.zupi.com.br/sobre-mulheres-e-tatuagens/> > Acesso em 17/11/2013)

A partir do século XX, como já foi dito anteriormente, o avanço de descobertas científicas e tecnológicas, o aumento dos centros urbanos e outros fatores modificaram a relação do homem e da sociedade com o corpo. Segundo Lucia Santaella “o corpo invadido e dilatado pelas tecnologias surge como um novo modelo de sensibilidade, flexibilidade, inteligência e capacidades comunicativas” (2004, p.76).

Através de artefatos que ganharam destaque na moda e publicidade, por exemplo, a modificação corporal começa a ter mais espaço nas mídias, junto com imagens de corpos. Durante a segunda metade do século até os dias atuais, o acesso a conteúdos e profissionais relacionados às modificações corporais cresceram e com isso também seus adeptos.

Durante os anos 60 a moda popularizou certos adornos relacionados à modificações corporais e fetichismo, com acessórios e roupas em couro, transparências – que permitiam a visualização de tatuagens pelo corpo – e acessórios de metal, aludindo aos *piercings*. Já nos anos 70 o movimento *punk* trouxe impactos visuais com seus moicanos, vestimentas carregadas de elementos fetichistas, roupas de couro com correntes, alfinetes e acessórios metálicos inseridos nos coletes e calças; estes elementos dão a impressão estética de agressividade. Grande parte deles inseria *piercings* de forma caseira, quando ainda nem existiam estúdios especializados para isso.

A primeira convenção de tatuagem do mundo ocorreu no ano de 1976 no Texas, Estados Unidos. Após isso, no ano seguinte, aconteceu no estado de Nevada logo espalhando-se pelo país e pelo resto do mundo; no Brasil a Primeira Convenção Internacional de São Paulo aconteceu nos anos 1990 e reuniu cerca de 50 profissionais, crescendo para 100 no ano seguinte. Não demorou muito e aconteceram encontros em Curitiba e outras capitais que permanecem até hoje, estendendo-se também a cidades do interior, como por exemplo, Barra Bonita (próximo a Bauru) com sua primeira convenção internacional em dezembro de 2013.

No Brasil, principalmente nas metrópoles, as formas de modificação corporal – principalmente a tatuagem e o *piercing* – se popularizaram e ganharam alcance das mídias, sendo às vezes vista como sinal de rebeldia dos jovens que as faziam. Marcar o corpo tornou-se uma forma de se comunicar; a pele aos poucos virou o *outdoor* pessoal do sujeito, passando a anunciar em sua pele e roupas gostos, crenças, entre outros aspectos de sua personalidade.

É também nos anos 70 que acontece a primeira aparição de Fakir Musafar no museu de cera de São Francisco. Fakir é o criador do termo *modern primitives* que surgiu em 1967 para caracterizar alguns indivíduos que mesmo vivendo em uma sociedade moderna

com princípios da lógica e razão, utilizam o corpo físico guiados pela intuição e tornando-o centro de suas experiências. Kênia Kemp afirma que “os “primitivos modernos” que fazem parte do Movimento de Modificação Corporal, buscam todo tipo de técnicas de modificação como as perfurações, os alargamentos de lóbulos e lábios, as suspensões corporais e diferentes técnicas de escarificação.” (2005, p.11)

Nascido em 10 de outubro de 1930 em South Dakota, Fakir Musafar atualmente é empresário e pratica atividades educacionais, místicas e artísticas; ele adotou este nome no ano de 1978, inspirado em um fakir persa nômade, de 1800, que andava com uma série de objetos, punhais, por exemplo, introduzidos em seu corpo. É diretor e professor da Fakir Body Piercing & Branding Intensive onde ministra cursos e *workshops* e também criador e proprietário da revista americana *Body Play*.

A admiração e interesse de Fakir pelas modificações surgiram quando ainda era criança: seu pai o levava a uma feira de atrações onde pessoas utilizavam seus corpos fazendo contorções e tatuagens; a partir de então, começou a explorar o próprio corpo e intervir em si próprio *piercings* e tatuagens.

O caráter místico, o intuito de transcendência, o desejo de ultrapassar os limites físicos como forma de fortalecer a alma e delinear o caráter, de dar oportunidade ao psíquico de expressar-se concretamente sobre o suporte a que está vinculado, de trazer à tona, de vivenciar, mais do que isso, de corporificar o inconsciente, de dar matéria ao imaterial, sempre guiaram esse homem, que acredita na imortalidade da alma e na reencarnação. É esta aliás sua explicação para o desejo e a necessidade que alguns indivíduos têm de manipular de formas especiais o corpo. (PIRES, 2003, p.103 e 104)

Em suas intervenções corporais Fakir Musafar busca aspectos que envolvem magia, dor e tempo: a magia deve dar sentido à vida e as ações realizadas pelo indivíduo. O contato e execução de intervenções feitas na pele – órgão que separa e dialoga com o universo interno e externo do corpo – pode ser interpretada como uma mediadora do consciente e inconsciente, assim como os sonhos.

Já em relação à dor, ela é vista pelos *modern primitives* como inexistente devido à capacidade de alteração de consciência: separando-a do corpo físico a dor deixa de ser incômoda, um desprazer e passa a ser parte do procedimento, como um registro de que algo ocorre no corpo naquele momento. Muitas culturas possuem métodos para a alteração da consciência, que quase sempre se iniciam pela manipulação do corpo físico e com a dor e marcas corporais presentes nos rituais de passagem. Mas atualmente a dor ainda interfere em nossos padrões estéticos, com o uso de roupas e acessórios que comprimem e manipulam o corpo como, por exemplo, os sapatos de salto alto usados por mulheres.

Entre as técnicas de aplicação de *piercing*, tatuagens, escarificação e implantes a dor está sempre presente e possui cinco estágios: o primeiro ocorre antes da manipulação como expectativa; o segundo surge como realidade quando se inicia o instrumento da intervenção entra em contato com a pele; o terceiro estágio é quando a dor é superada durante o procedimento; o quarto acompanha parte ou todo o período de cicatrização e a expectativa pelo resultado final; o quinto estágio é quando a dor se torna apenas uma lembrança após toda a cicatrização.

O terceiro fator destacado por Fakir é o tempo, que está intimamente ligado com a natureza; as sensações físicas vividas pelo indivíduo o fazem perceber que seu corpo é transitório e mortal. Os *modern primitives* acreditam que seus corpos possuem mente e espírito. O fator do tempo faz com que as modificações corporais sejam vistas como rituais de passagem. Os rituais normalmente simbolizam etapas da vida como o nascimento, amadurecimento para a vida adulta, casamento, morte ou algum acontecimento pessoal que seja interpretado como uma transição de algum estágio da vida.

O ritual traz o início de um novo período e pode-se perceber que a necessidade de registrá-lo está ligada à maneira como vivemos hoje: fundamentalmente visual. Segundo Fakir existem sete maneiras de modificar o corpo, através de jogos com o corpo:

- 1) Jogos de contorção: modificar forma e crescimento dos ossos; distender.
Compreendem atividades de ginástica, contorcionismo, exercício de ioga, práticas dos sadhus hindus, alargamento dos furos feitos no corpo, alongamento de partes do corpo, uso de ventosas, salto alto, ligaduras nos pés, etc.
- 2) Jogos de constrição: comprimir.
Utilizam amarras, ataduras, cinturões que diminuem a cintura, espartilhos, vestimentas estreitas feitas em borracha, cordas, etc.
- 3) Jogos de privações: enclausurar, congelar.
Incluem práticas de jejuns, privação do sono, limitações do movimento; podem se utilizar de caixões para isolamento sensorial, gaiolas, capuzes, sacos, etc.
- 4) Jogos de impedimento: adereços de ferro.
Compreendem o uso de pesadas pulseiras, cavilhas, enfeites para o pescoço, sapatos, correntes, etc.
- 5) Jogos com fogo: queimar.
Utilizam bronzeamento exagerado, corrente elétrica aplicada de forma contínua ou através de choques, vapor e calor, marcas feitas a ferro ou por queimaduras, etc.
- 6) Jogos de penetrações: invadir.
Compreendem flagelações, perfurações, tatuagens, o ato de picar-se, espetar-se, deitar sobre cama de pregos ou espadas, injetar-se agentes químicos, etc.
- 7) Jogos de suspensão: pendurar.
A suspensão, por meio de ganchos de açougueiro, pode ser feita em cruz, pelos pulsos, coxas, peito, tornozelos, associada a constrições ou a múltiplos furos pelo corpo, etc. (PIRES, p.115 e 116, apud Fakir Musafar, apud JUNO & VALE, 1994, p.14)

É possível observar que nesse jogos não existem apenas práticas relacionadas ao *piercing*, tatuagem, escarificação ou implante; o espartilho foi um elemento muito usado em várias épocas e as dietas alimentares, bronzamento e uso de salto alto permanecem como hábitos de nossa cultura até hoje.



Figura 27: Fakir Musafar durante a execução de um dos jogos com o corpo. (Fonte: < <http://www.bodyplay.com/fakirart/index.htm> > Acesso em 17/11/2013)

O ritual de suspensão citado no sétimo jogo tem se popularizado entre os adeptos da *body modification* e é realizado tanto em rituais particulares como em apresentações abertas ao público. A suspensão pode ser feita na horizontal ou vertical, sentado e com uma grande quantidade de ganchos, dependendo do peso da pessoa e como ela deseja ser suspensa.

As modificações corporais ajudam a construir a identidade do indivíduo. Enquanto nas sociedades pré-letradas os rituais de passagem eram feitos antes que a mudança realmente acontecesse, como introdução a ela. Hoje, as pessoas marcam em seus corpos fatos que já aconteceram como registro e permanência do efêmero.

O indivíduo codifica informações em seu corpo escolhendo uma imagem ou forma para representar, desse modo, atraindo o olhar de terceiros para seu corpo quando esta forma ou imagem fica exposta. Isso causa além do resultado físico, o psicológico, onde o sujeito pode notar qual a reação que sua aparência causa.

Beatriz Ferreira Pires (2003, p.130) diz que “o ato de codificar permite ao sujeito criar um segredo visível. Essa visibilidade pode ser destinada a qualquer pessoa ou às pessoas que eleitas por ele, dependendo da região do corpo que foi manipulada.” Portanto, o indivíduo sente a sensação de poder tanto pela sua diferenciação estética quanto por possuir esse segredo e mostrá-lo apenas a quem quiser.

Nos dias atuais a modificação corporal vem ganhando espaço entre as mídias e em certos ambientes onde há certo tempo atrás não era bem vista – como em diversos locais de trabalho, por exemplo – mas, apesar disso, intervenções extremas como implantes microdermais, escarificações e tatuagens muito expostas, características mais próximas dos primitivos modernos, ainda causam aversão e preconceito diante dos olhos mais conservadores. Segundo Kênia Kemp

diferente das tatuagens que já foram incorporadas à simbologia de mercado, as modificações corporais ainda são percebidas dentro da ótica da rejeição, como um código que não se permite investir de significados e que permita que pessoas que se identifiquem. (2005, p.59)

Os campos de estudos que envolvem as modificações corporais são vastos assim como os indícios de que elas estiveram presentes no cotidiano de inúmeras sociedades tribais. Após conhecer parte dessa história e definir as especificidades de cada prática e adornos corporais na antiguidade até os dias atuais, é necessário buscar compreender os motivos que ainda levam indivíduos que vivem em sociedades modernas em meio a tecnologias e corpos cada vez mais dispensáveis a retomar esses hábitos modificando seus corpos e alterando sua aparência física de maneira praticamente irreversível.

3. A modificação corporal no século XXI

As culturas e tribos urbanas após os anos 2000 transformaram-se em uma mescla de estilos de décadas anteriores e reflexo de vivências cotidianas potencializadas pela rápida circulação de informações através da mídia, internet, publicidades, entre outros que influenciam em suas escolhas, dentre elas, a aparência física. Como afirma Kênia Kemp,

para os indivíduos (“nativos”) de sociedades urbano-industriais, “Através de um discurso impregnado de contradições, ao mesmo tempo em que o corpo é percebido e representado como produto e produtor da sociedade, aparece também como possibilidade de autodeterminação e muitas vezes como símbolo da resistência contra as regras sociais. Já para as pessoas das sociedades tradicionais, o corpo é sempre representado como um meio de relação do indivíduo com a natureza e a sociedade. Perspectivas diferentes para necessidades idênticas, manifestar no corpo as relações sociais, mesmo sendo duas interpretações opostas e conflitantes, revelam como os significados de nossas ações sociais se sobrepõem e organizam significados para o mundo.” (2005, p.24)

A vontade de sensações novas são tão imediatas quanto a circulação de informações, os indivíduos se relacionam de forma superficial e visual, caminhando apressados pela rua e em casos como esse o cartão de visita do eu para o outro é a aparência, o que se está vestindo ou o que carrega na pele, a cor dos cabelos, etc. O imediatismo também faz com que tudo seja transitório, fazendo com que as pessoas se preocupem mais com as vontades do presente e menos com sua aparência no futuro em relação as tatuagens, por exemplo.

Apesar de o espaço urbano ser um grande centro de acesso a tecnologias, produtos, serviços e estilos de vida, as buscas individuais do ser humano tem se descentralizado cada vez mais, fragmentando a sociedade culturalmente e tornando a retomada de hábitos que caracterize subgrupos dentro das cidades, que se tornam não lugares, onde o anonimato das tribos urbanas parece constituir-se como um território sem fronteiras para a comunicação.

Dentro desses não lugares e grupos em busca de uma identidade, o corpo ganha destaque e se torna um meio de comunicação: as pessoas passam a identificar-se por suas marcas, colorindo a pele com tatuagens, colocando *piercings*, alargadores, implantes, entre outras técnicas. Modificar o corpo vai além do prazer estético, torna-se uma forma de transparecer vontades, crenças, significados e importâncias de diversas coisas que cada pessoa registra a seu modo.

Os “modernos primitivos” – grupo adepto das modificações corporais – não se intimidam com olhares e desaprovações: com seus corpos praticamente “fechados” com tatuagens, *piercings* e modificações extremas como implantes, línguas bifurcadas e

escarificações, aparentemente não se importam que sejam vistos como estigma. Essa aparência física muitas vezes pode passar a sensação de um corpo que não é saudável por seu afastamento do padrão estético socialmente aceito e pela associação de agressão ao corpo com a realização dessas práticas.

Na *body modification*, como o suporte da representação é o corpo, o tato, o toque, o contato são imprescindíveis. Nessa prática há a proximidade física entre quem recebe e quem aplica a modificação; há a manipulação, que sempre interferirá dentro do contorno que separa o que é interno do que é externo: a pele. (PIRES, 2003, p.26)

Conforme é possível notar na afirmação de Beatriz Ferreira Pires, a manipulação do corpo entra em contato não apenas com a parte externa do indivíduo, mas também com a interna, produzindo sensações físicas e psíquicas. A pele por si só é uma forma de auto-inscrição natural do ser humano, onde traços externos são marcados demonstrando a inevitável passagem do tempo, e conforme diz Henri-Pierre Jeudy, “enquanto superfície, a pele parece ser um meio possível da representação sem ser por essa razão representável (2002, p.83)”.

A vontade de (re)modelar o corpo envolve um mercado que ganha cada vez mais adeptos, porém, além das fronteiras comerciais existem grupos com o desejo de (re)modelar e (re)significar seus corpos, não seguindo o padrão de beleza convencional e adotam práticas de *body modification* para obterem seu ideal desejado, marcando a superfície da pele com tintas, desenhos diversos, adornos de aço, implantes, cicatrizes, entre outros métodos que já foram vistos no decorrer da pesquisa.

O ato de introduzir substâncias que pigmentam a pele, pequenos objetos de metal ou aço cirúrgico, criar cicatrizes intencionais através de retirada da pele (escarificação) ou queima (*branding*) ou expandir certas partes do corpo passa, para a maioria das pessoas, uma sensação de repulsa e estranhamento. “Mas não dói?”, “Doeu muito?”, “Qual o significado?” são perguntas frequentes feitas às pessoas que possuem algum tipo de modificação em seu corpo.

Atualmente fazer uma tatuagem ou *piercing* tornou-se parte da busca pelo bem estar e embelezamento do próprio corpo, e um trabalho de grande responsabilidade para os autores dessa arte, os tatuadores e perfuradores corporais.

A *body modification*, conceito usado para designar as modificações corporais executadas das mais diversas formas – usando-se desde produtos químicos até intervenções cirúrgicas –, nos apresenta uma nova realidade em que as definições de natureza e cultura se interpenetram, causando na maioria das vezes um desconforto, um estranhamento. O corpo, que em quase todas as sociedades tem sido matéria de interferências culturais, passa agora, no período histórico em que nos encontramos, por radicais transformações. (PIRES, 2003, p.19)

Com a evolução dos procedimentos estéticos, novas técnicas para a manipulação do corpo para mudá-lo, as modificações corporais também evoluíram e parte de seus adeptos tem buscado cada vez mais a autenticidade, um corpo que exteriormente dialogue com seu interior e para isso realizam diferentes rituais além de tatuar-se e colocar *piercings*: também inserem objetos (como agulhas) no corpo, realizam suspensões colocando ganchos em diferentes partes do corpo e também fazem cicatrizes propositais – *escarificação* e *branding*.

Não é difícil vermos hoje revistas de tatuagens em bancas, livros e pessoas andando pelas ruas com seus corpos marcados. As convenções de tatuagem e *freak shows* com performances que acontecem em grandes cidades pelo mundo nos mostram como a prática tem se tornado mais comum, por isso é de grande importância que observemos como essa arte percorreu, evoluiu através dos tempos e como é realizada hoje pelos adeptos desses jogos com o corpo.

Um referencial importante da nossa época é o corpo exposto. Que precisa destacar-se dos demais para ter uma identidade, já que esta vem de fora, vem do outro - o jeito não se reconhece por si mesmo, é o olhar do outro que lhe confere ou não identidade. (PIRES, 2003, p.92)

Apesar da cultura *underground* que envolve as modificações corporais, nota-se certa banalização de algumas práticas de modificar o corpo já que a mídia colabora para a ampliação da exposição de marcas que acabam se transformando em ícones da moda. Apesar da busca da identidade através de tatuagens e *piercings*, essas práticas acabam tornando-se comuns e certos símbolos se repetem, tornando-os iguais.

Em entrevistas realizadas nas cidades de Bauru e Barra Bonita entre os dias 07 e 20 de dezembro de 2013 com profissionais da área e adeptos das modificações corporais foi possível fazer o levantamento de dados e informações importantes para o desenvolvimento desta pesquisa e relacionar questões que envolvem as modificações corporais na sociedade atual. Durante a pesquisa de campo foram colhidos dados em relação às práticas de *body piercing*, tatuagem e expansões, em relação a outras categorias de modificação corporal não foi possível encontrar profissionais nem adeptos das técnicas nas cidades no período pesquisado.

Os profissionais entrevistados durante a pesquisa de campo foram:

- João “Tatu”, 23 anos. Perfurador corporal e tatuador no Cambuink Tattoo shop em Campinas, São Paulo. (a entrevista foi realizada na cidade de Barra Bonita)

- Johnny, 56 anos, tatuador no Johnny Tattoo Studio em Bauru, São Paulo.

- Marcelo – tatuador e perfurador corporal, 40 anos, estúdio Tattoo Age Clinic de Bauru, São Paulo.

Além dos profissionais, também foram entrevistados na cidade de Bauru sujeitos adeptos de certas práticas das modificações corporais que foram os seguintes:

- Bruno, 22 anos, estudante universitário.
- Cleber, 55 anos, fiscal de obras e aposentado.
- Nathalia, 23 anos, professora.
- Renata, 22 anos, estudante universitária.
- Tom, 23 anos, *designer* e artista visual.

3.1 Razões para modificar o corpo – Pesquisa de campo

A pesquisa de campo ajuda a entender quais são as razões que levam um indivíduo a alterar sua aparência física através das modificações corporais: moda? Vaidade? Fuga de padrões estéticos? Aceitação ou pertencimento a algum grupo social? Superação pessoal ou rito de passagem?

O corpo tornou-se a prótese de um eu eternamente em busca de uma encarnação provisória para garantir vestígio significativo de si. Inúmeras declinações de si pelo folhear diferencial do corpo, multiplicação de encenações para sobre-significar sua presença no mundo, tarefa impossível que exige tornar a trabalhar o corpo o tempo todo em um percurso sem fim para aderir a si, a uma identidade efêmera, mas essencial para si e para um momento do ambiente social. (LE BRETON, 2003, p.29)

Durante a pesquisa de campo foram levantadas questões corriqueiras e subjetivas a respeito das modificações corporais, tanto para os profissionais quanto para os indivíduos que as fazem em seus corpos. A experiência e comprometimento dos profissionais com seu trabalho foi algo de destaque dentre os entrevistados, que ressaltaram a importância que se tem atualmente com o bem estar de seus clientes, alertando sobre os estabelecimentos atuarem dentro das normas de biossegurança. Todos os materiais usados devem ser descartáveis ou devidamente esterilizados para evitar o risco de contaminação. João Tatu, perfurador corporal há oito anos, trabalhando atualmente no Cambuink Tattoo Shop em Campinas, comenta sobre utensílios usados para a perfuração do *piercing*:

“A pinça de aço precisa ter uma pré-lavagem dela, uma secagem correta também pra depois ir no autoclave e a armazenagem também tem que ser uma armazenagem correta.”

Já em relação a cateteres e joias do *piercing*:

“Normalmente a gente usa um cateter, que é aquela agulha “cateterizada”. O material seria aço cirúrgico 316L, que esse aço é usado somente pra piercing e pra alguns utensílios tipo pinça, utensílios médicos ou talher pra alimentação. (...) Ele é um dos materiais que menos tem concentração de carbono, então não dá tanta reação com a cicatrização; uma pessoa que tem uma cicatrização que é muito sensível a alguns materiais do aço tipo carbono, já não é muito bom usar o aço, e aí usar o titânio, que é um material que é um pouco mais caro, um pouco mais complicado de achar.”

O tatuador Marcelo do estúdio Tattoo Age Clinic, que tem seu estabelecimento há 16 anos em Bauru, ressalta a importância da biossegurança para o procedimento da tatuagem:

“Isso é um dos focos mais importantes porque pra um cara que quer ser tatuador, ele tem que ser tudo: tem que saber atender uma pessoa, saber avaliar se a pessoa tem condições de ter uma tatuagem, saber desenhar e a biossegurança é um dos focos principais que tem, porque se contaminar uma pessoa ela “tá” perdida pro resto da vida. Não adianta uma pessoa ter tatuagem e ser contaminada, além de “tá” agredindo a cultura.”

Johnny, tatuador no Johnny Tattoo Studio em Bauru, também afirma que:

“A Anvisa já “tá” fiscalizando bastante os estúdios, os materiais e tudo mais, isso é legal porque dá mais segurança à população.”

Marcelo também disponibilizou fotografias sobre como deve ser a montagem da mesa com os materiais antes da realização de uma tatuagem e a maneira como o tatuador deve trabalhar:



Figura 28. Equipamentos para tatuagem devidamente higienizados e isolados de acordo com as normas de biossegurança.



Figura 29. Maneira como o tatuador deve trabalhar seguindo as normas de biossegurança.

Quando questionados sobre a formação como profissional na área, a resposta é unânime ao dizerem que grande parte da experiência vem com o tempo; apenas em relação ao *body piercing* João afirma ter feito cursos de perfuração básica e avançado – que envolve também *piercing* genital e microdermal, mas parte da experiência também veio com o tempo.

Johnny é tatuador desde os anos 80, começou na cidade de São Paulo e há 10 tem seu estúdio em Bauru onde passou a “tradição” para seu filho, que atualmente trabalha com ele. Apesar de ter trabalhado como desenhista e ter feito cursos de formação em arte como pintura a óleo ele afirma:

“A tattoo não existe escola né, você aprende ao longo do tempo. É claro que você tem que ter uma certa formação artística. (...) Esses cursos que fazem de aperfeiçoamento e tal, eu acho que é mais pra você ver alguma técnica, mas isso são pessoas que já sabem tatuar... Não adianta pegar uma pessoa que não sabe nada e levar pra fazer um curso de como fazer rosto ou como fazer fotografia que não vai adiantar nada. Se você não tem a base do negócio não adianta nada, e a base é o tempo, o tempo que você tá fazendo. Não adianta que escola nenhuma vai ensinar isso “daí”.”

Marcelo também comenta sobre o ofício de ser um tatuador:

“Formação não existe, mas assim, é estudar todo dia, praticar, correr atrás, pensar em tattoo 24 horas da sua vida, porque quem é artista, quem é tatuador mesmo, se fez alguma coisa que não gostou, ele não dorme. Fica preocupado, fica doente, passa mal, ele chama de volta e faz de graça depois, mas ele tá sempre atrás de resultados.”

Tanto Marcelo quanto Johnny também contaram sobre algumas experiências pessoais quando começaram como tatuadores, que acredito acrescentar conteúdo histórico à pesquisa, já que atuam há décadas no cenário nacional da tatuagem. Logo no início, quando começou a aprender, Marcelo diz:

“Antigamente eu tatuava em garagem, porão, quando eu era moleque, mas não era nada profissional. Aventura de moleque mesmo e na minha geração é o que tinha, pra quem gostava de arte, de cultura underground, de metal, de hardcore e é o que a gente podia, não tinha material importado, a gente fabricava nossas máquinas, agulha de costura, a gente afiava as agulhas, esquentava nanquim, usava álcool pra limpar, manga de camisa na hora, assim, pra limpar.”

Johnny conta algo de sua experiência quando começou a trabalhar na cidade de São Paulo:

“Eu, quando comecei a tatuar no comecinho dos anos 80 e tal, tatuava no centro de São Paulo, tinha uma loja na Galeria do Rock. E quem eu tatuava? Punk, skinhead, os carecas, esse pessoal “aí” e a escória do centro de São Paulo, era só isso que tatuava; depois que começou a vim um “pessoalzinho” melhor e foi divulgando mais e foi melhorando.”

Além dos profissionais, um dos entrevistados, Cléber de 55 anos, aposentado e fiscal de obras que estava fazendo sua quarta tatuagem no estúdio durante a entrevista, contou sobre uma experiência que teve quando fez sua primeira tatuagem no ano de 1982, quando a ainda era feita de forma “caseira”, por assim dizer, no Brasil.

“Pra você ter uma ideia de como que foi feita essa primeira tatuagem: foram dois meninos que fizeram lá na frente de um clube, eles colocaram duas agulhas paralelas assim, enrolaram com linha, colocaram nanquim e iam perfurando. “Tava” começando ainda, nem tinha esse negócio de maquininha, se tinha era muito raro.”

É interessante notar como a mudança das pessoas que procuram as modificações corporais se deu nas últimas décadas e desmistificou parcialmente o pensamento de que fazer uma tatuagem significa estar associado ao crime ou a coisas ruins. Toni Marques afirma que “o vínculo com o crime não se explica pelo ato de o criminoso se tatuar, e portanto ser tatuagem coisa de criminoso” (1997, p. 63). Esse fato se deve também a abordagem das mídias, que devido à exaltação do corpo através da publicidade e anúncios, acaba ressaltando também a ideia de individualidade e as modificações corporais, tanto de maneira positiva quanto negativa.

Apesar da busca de uma essência individual quando se marca o corpo por algum motivo pessoal, não há dúvidas de que a tatuagem e o *piercing* viraram moda e os próprios profissionais afirmam isso. João Tatu comenta que parte do público que o procura para fazer um *piercing* é porque viu algo que achou legal e quis fazer, e também diz que os locais do corpo também tem certo padrão:

“Tem bastante lugar meio padrão que “sai” tipo nariz, umbigo, cartilagem da orelha normalmente são um dos lugares mais básicos que mulher faz. Homem normalmente língua, mamilo, lugares mais comuns, lábio. (...) Já chegou muita pessoa em mim querendo fazer porque viu uma playboy e tinha um piercing em tal lugar; viu na televisão ou viu num

filme, viu sei lá, no Big Brother e quis fazer porque achou legal e bem dizer, copiar a ideia, mas normalmente é mais por gosto próprio mesmo.”

No caso das tatuagens, o gosto próprio do indivíduo e algumas influências da mídia se misturam segundo os tatuadores. Os locais do corpo, segundo Johnny, são um pouco padrão – braço, costas, perna, por exemplo –, mas que a procura por tatuagens maiores cresceu principalmente entre o gênero feminino, que para ele também tem superado o público masculino na procura:

“Mais ou menos 70% da clientela é feminina. (...) Sabe, depende muito do que tá na mídia, o que aparece na televisão, aparece nas novelas, as artistas. Se aparece uma artista com uma tattoo na costela, “aí” vira febre e todo mundo quer fazer costela. Ano passado teve uma novela que apareceu uma menina tatuada no braço, nossa, apareceu um monte de mulher querendo tatuar o braço! Então a mídia influencia muito.”

Já para Marcelo, ele afirma que a procura por uma tatuagem tem público variado, tanto em gênero quanto em faixa etária, dizendo que a idade máxima que tatuou foi uma senhora de 86 anos e atenta para o lado bom e ruim da “moda”:

“A tatuagem virou universal mesmo, não tem faixa etária, se é homem, se é mulher, todo mundo quer, todo mundo “tá afim” de entrar pra cultura. E o papel do tatuador é inserir essa pessoa de forma que nem a arte perca qualidade, fugir de moda, fazer só o que realmente vai fazer algum sentido praquela pessoa. (...) Tá bem na moda. É um grande perigo isso aí: ao mesmo tempo que potencializa, fica de dois gumes né. Assim, do meio desse rebu que tá aí vai sair coisa boa e coisa ruim, igual tudo. Então a nossa parte vamos fazer bem feito.”

Em relação a escolha de partes do corpo para tatuar ele afirma:

“Hoje em dia o corpo todo, não tem mais exceção social, do que aparece ou não aparece, hoje em dia sobrou espaço, achou legal, ficou anatômico, se o estudo deu certo tão tatuando.”

Dentre os entrevistados Cléber, Nathalia, Tom, Bruno e Renata, todos da cidade de Bauru, que tem modificações corporais, foi possível notar um padrão nos locais das tatuagens, sendo a maioria nos braços, pernas e costas; em relação à *piercings* parte deles disse ter feito na orelha, porém retiraram por problema de infecção – no caso de Bruno e

Nathalia. Tom também afirma ter tido um *piercing* transversal na orelha, mas não comentou as razões por tê-lo retirado. Ele e Renata foram os únicos entrevistados que tinham expansões: Tom em uma das orelhas e Renata em ambas e também no septo.

Diferente das tribos que marcavam seus indivíduos com símbolos por meio de rituais de passagem em comum como a puberdade, casamento ou para a transformação do homem em um guerreiro, as *body modifications* atualmente possuem significados – em sua maioria – subjetivos para o indivíduo que a carrega em seu corpo, como se fosse um ritual individual, mas que ainda assim exibe sua marca pessoal diante do outro, causando quase sempre curiosidade, o porquê de carregar esses símbolos no corpo. Para David Le Breton

o corpo não é mais, apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o *ser-no-mundo*, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. (2003, p.28)

Durante a pesquisa de campo feita na cidade de Bauru a maioria dos entrevistados afirmou que suas marcas corporais tem um significado pessoal, exceto Bruno, de 22 anos, estudante universitário, que quando perguntado se suas tatuagens tinham algum significado afirmou:

“Não, a maioria é por estética mesmo.”

Além disso, Bruno foi o único entrevistado que afirmou ter medo de se arrepende de alguma tatuagem que fez:

“Até agora não me arrependi de nenhuma, mas tenho medo de enjoar com o tempo. Daqui sei lá, 30 anos olhar e falar “nossa, eu fiz essa tatuagem...”



Figuras 30 e 31. Algumas das tatuagens de Bruno, na perna e braço.

Tom, de 23 anos, artista visual e *designer*, contou que todas as alterações que já fez em seu corpo tem um significado de certa forma, desde o *piercing* até as tatuagens:

“O primeiro piercing que eu fiz – que era um transversal – ele representou muito uma liberdade, alguma forma de superação, de poder fazer alguma coisa que era realmente minha. Eu fiz com 16 anos, foi tipo a primeira coisa acho que na vida que eu fiz porque eu queria e do jeito que eu queria, tal. Aí o alargador eu fiz meio que por acaso, eu particularmente não gosto muito de brinco, aí eu queria colocar um alargador e fui tudo bem rápido, fui aumentando e virou um vício de ir aumentando o alargador... Tem algumas coisas assim, eu tenho sangue de índio na minha família e era uma coisa que representava pra mim os ancestrais e depois acabei lendo que também funcionava pra fluxos de energia, umas coisas assim. E aí eu gostei mais por isso e fui me embasando cada vez mais, foi tudo antes de fazer.

A tatuagem das costas é um desenho meu que significa respeito e liberdade, a partir da representação gráfica dela eu fui fazendo pra que representasse isso, que são duas coisas que pra mim são fundamentais na vida de qualquer pessoa ou sociedade, ou qualquer tipo de relação, precisa de respeito e liberdade. Eu acho que até mais que o próprio amor, são duas coisas que significam muito. E a da perna ela é uma dissertação sobre arquitetura, sobre processo criativo, da arte e algumas coisas de filosofia, de dialética entre a arte e o criador e o desenho ele é mais abstrato, mas ele tem esse significado.”



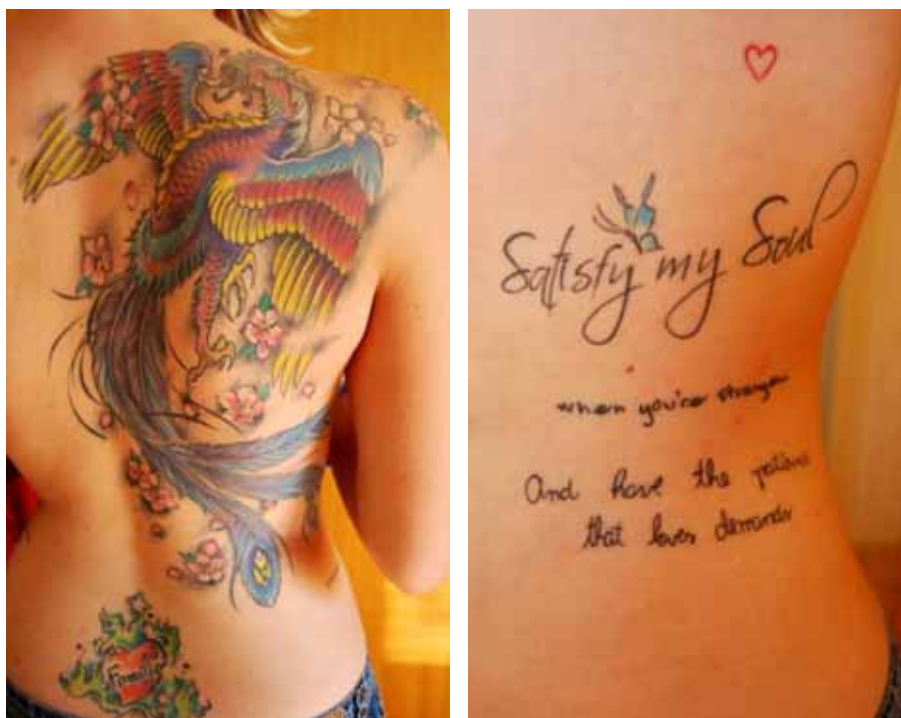
Figuras 32 e 33. Tatuagens de Tom nas costas e perna, respectivamente.

Assim como a “cicatriz pode ser um elemento de horror ou uma marca de honra” (JEUDY, 2002, p.85), as modificações corporais também podem representar um significado subjetivo de um momento de horror, superação, felicidade ou amor para o indivíduo.

Nathalia, de 23 anos, professora, contou que sua pele é como um bloco de notas e que cada tatuagem que faz representa um ciclo de vida, a ideia é planejada e desenhada com o tatuador e cada traço tem seu significado particular:

“Todas são lembretes de ciclos ou fases da vida, tipo, coisas que eu fiz, erros ou acertos pra eu sempre lembrar do que aconteceu, do pensamento, do que fez dar certo ou do que fez dar errado, de algum pensamento de evolução ou, sei lá, de educação. (...) Porque eu não levo nem em consideração como modificação, porque depois que eu faço é como se fosse parte de mim mesmo. Eu penso: “como que não tava lá ainda?”

“Cada tatuagem é um ciclo de vida que eu desenhei junto com o tatuador, a gente planejou tudo junto e cada traço simboliza uma coisa.”



Figuras 34 e 35. Algumas das tatuagens que Nathalia tem. A fênix e o coração em chamas abaixo são na região das costas e as frases e coração pequeno ficam na costela.

As modificações corporais criam um tipo de codificação no corpo do indivíduo dependendo da estética da marca ou local em que ela é feita, desse modo “quando o indivíduo escolhe implantar em seu corpo uma determinada imagem ou forma, delega a esta a função de

filtrar um fato ocorrido e transformá-lo, de maneira codificada, em uma lembrança concreta. (PIRES, 2005, p.130)

No caso das tatuagens de Cléber, os símbolos codificados em seu corpo tem significados pessoais; ele fez a cobertura de uma tatuagem que tinha o nome de sua ex-esposa, uma tatuagem de dragão e outras duas relacionadas com uma ordem da qual ele participa, que tem como símbolo os templários:

“Pra mim, essa tatuagem que foi retocada tem a ver com alguém levando uma flâmula escrito Ícaro e as outras três tem a ver com os templários.”



Figura 36. Tatuagem de templário em andamento na perna de Cléber.

Cléber foi o único dos entrevistados que relatou ter feito a cobertura de uma tatuagem, os demais comentaram que por enquanto não tiveram arrependimentos com tatuagens que fizeram, exceto Bruno, que já foi citado o receio de se arrepender de alguma marca que fez. Tom comentou a respeito:

“Já me perguntaram uma vez se eu tinha medo de marcar meu corpo, sei lá, mas acho que é porque o ser humano se preocupa muito com o visual, né; todas as coisas que eu fiz, de uma forma mais filosófica, mais ampla, tudo que a gente faz é pra sempre, não tem como a gente voltar atrás, só existe o presente, então tudo que a gente faz já era, tá marcado pra sempre, não tem como mudar e a gente simplesmente passar isso plasticamente pro corpo incomoda um pouco as pessoas, tipo, qualquer coisa que a gente faz marca a gente muito, então não vejo problema nenhum em marcar o corpo de alguma forma que eu vá lembrar eternamente.”

No caso de Renata, estudante universitária de 22 anos, ela disse que apesar de não ter receio do arrependimento, pode acabar enjoando de alguma marca que fez, mas isso não fará com que perca seu significado pessoal:

“No meu caso minhas tatuagens marcam fases da minha vida e outras coisas que gosto, mesmo correndo o risco de enjoar de alguma delas as vejo como marcos da minha vida que estando na pele ou não tem grande significado.”

Além disso, disse que também não tem medo de como será sua aparência no futuro:

“Serei uma “vózinha” cheia de piercings e tatuagens!”



Figura 37. Renata durante sessão de uma de suas tatuagens.

A ideia de irreversibilidade do tempo nas modificações corporais pode assemelhar-se ao medo da velhice? Muitas pessoas ao fazerem uma tatuagem, *piercing* ou expandir as orelhas são confrontadas com o seguinte questionamento: e quando você ficar velho (a)? O medo de arrepender-se ou de ter que conviver para o resto da vida com uma marca não natural pode antecipar o que Jeudy (2002) diz ser o horror da velhice para algumas pessoas, ou para outras ser um fator motivador para modificar o corpo cada vez mais. Já que as sensações e o corpo são finitos, a melhor maneira é aproveitá-los ao máximo enquanto é possível.

Nathalia comentou a respeito de sua aparência no futuro e que não tem medo de como será seu corpo com tatuagens:

“Se eu estiver me preocupando com a minha aparência eu “vô tá” querendo me esconder do meu passado, porque como eu disse, as minhas tatuagens são lembretes do que aconteceu na minha vida e por isso eu tenho que lembrar pra não fazer o mesmo erro. Então do mesmo jeito que eu envelheço e a maturidade chega, as minhas tatuagens envelhecem e a maturidade chega pra elas também. Então eu não tenho nenhum medo disso, muito contrário, eu tenho cada vez mais orgulho.”

A lembrança das marcas – tatuagens com aspectos envelhecidos da pele e encolhidos pela ação do tempo – trarão uma lembrança do corpo jovem, “para esquecer a irredutível exibição dos traços escritos da pele, o adorno foi sempre o meio de compor com essa fatalidade da inscrição indelével.” (JEUDY, 2002, p. 88)

Os profissionais relataram a partir de suas experiências o que pensam sobre o arrependimento e a cobertura de uma tatuagem – chamado de *cover up* pelos tatuadores. Johnny comentou que existem inúmeros clientes que o procuram para cobrir tatuagens que o resultado não agradou ou para retirar o nome de um(a) ex-companheiro(a) que fez no corpo durante o relacionamento:

“Eu faço muita cobertura, cover up. Na verdade tem muita tattoo antiga, que a pessoa não gostou, já aconteceram até coisas inéditas, por exemplo, de a pessoa ligar pra mim que acabou de fazer a tattoo e quer cobrir porque não gostou do resultado e não quer nem ver mais o cara na frente, não fez aquilo que ela queria. (...) Já aconteceu até de um casal com 30 anos de casados: escreveram o nome e depois de um mês o cara veio cobrir. Eu penso assim: se veio fazer é porque já “tava” tendo algum problema, talvez veio fazer pra ver se dava um “up” na relação, porque se tá tudo legal com 30 anos de casados não vai nem pensar nisso eu acho.

O que acontece que mais escrevem são pessoas que estão há um mês namorando, pouco tempo. Pessoas com pouco tempo de namoro ou de casados são que fazem a tattoo com mais frequência. É onde a chance de dar errado é maior.”

Ao contrário de Johnny, Marcelo diz que não é muito procurado para fazer *cover up* e opina sobre quais serão as próximas tatuagens que as pessoas irão se arrepender:

“Quando eu tatuo aqui, a avaliação minha é grande, eu pego muito no pé da pessoa, comigo não tem muita cobertura não... Mas todas as da moda serão prováveis

coberturas. (...) Daqui uns anos vai ser infinito, muitas âncoras, muita gente fez âncora. Já tem uma lista aí, as maori¹ pessoal fechar de preto.”

No caso do *body piercing* a retirada é mais simples caso aconteça algum arrependimento segundo João, já que não é um procedimento que fica definitivamente no corpo:

“O piercing, a partir do momento que você tira ele, você fica com uma cicatriz muito pequena, não é uma cicatriz que você vai ter pelo resto da vida e que vai te incomodar como uma tatuagem que se você quiser tirar ser meio complicado, que algumas cores às vezes não saem e tudo mais... O piercing, você tirou ele, vai ficar com uma cicatriz como de um brinco, muitas vezes nem fica com cicatriz.”

A pele marcada e com adornos torna-se um texto, uma narrativa da vida do indivíduo e quando ocorrem situações que causam arrependimentos, logo surge a necessidade de apagar parte do texto que foi transcrito em seu corpo relacionado a isso. Do mesmo modo a dor que se faz presente em momentos da vida também é sentida pelo corpo e no caso das modificações corporais, ela pode significar superação pessoal ou representar um evento ocorrido. Quando questionados em relação a dor, os entrevistados relataram ter consciência de que ela faz parte do procedimento de tatuagem e *piercing* e por isso tendem a entendê-la e superá-la.

A atitude do ator diante da dor e inclusive o limite da dor ao qual reage estão ligados ao tecido social e cultural no qual ele está inserido, com a visão do mundo, as crenças religiosas que lhe são próprias, isto é, a maneira como se situa diante da comunidade de pertencimento. (LE BRETON, 2007, p.53)

Em seu comentário sobre a dor, Renata diz:

“A dor faz parte desses processos, mas eu a considero algo apenas temporário já que o resultado é permanente. Gosto de lidar com a dor, principalmente ao tatuar, me concentrando em relaxar e “acostumar” com ela.”

Tom contou sua experiência em acostumar-se com a dor no processo das tatuagens:

“Quando eu fui fazer a primeira eu fiquei com medo da dor, mas aí uma coisa que a gente vai aprendendo é que a dor é o mínimo dos “problemas”... Não dos problemas,

¹ O Maori refere-se a um estilo de tatuagem originário de povos da Nova Zelândia.

mas é uma das pautas que você menos se preocupa. A primeira tattoo eu me preocupei com a dor e tal, mas o significado de fazer ela e o processo de tatuar é muito importante, eu aprendo bastante coisa toda vez que eu tatuo, fico lá, aguento a dor, curto ou sei lá... É mais pelo processo também, pra mim a questão é mais do significado, processo e dor é por último, mas eu lido de boa, tranquilo, nunca foi problema.”

O preconceito em relação às modificações corporais foi um tema questionado durante a pesquisa de campo, já que por se tratar de uma marca visual ela pode ser aceita ou não em determinados ambientes. Qual o limite entre o belo e o estranho? Quando as modificações corporais deixam de ser sinônimo de beleza e se tornam um estigma na sociedade? Partindo das ideias de Goffman,

o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. (1988, p.13)

Os profissionais da tatuagem e *piercing* relataram que o preconceito diminuiu muito desde quando começaram a trabalhar no ramo. Quando perguntado se o preconceito ainda existe com quem tem tatuagens, Marcelo respondeu:

“Muito menos; apesar que eu sou um cara que faz 28 anos que eu uso tatuagem, eu senti preconceito poucas vezes na minha vida, pouquíssimas. Procurar emprego nos anos 80, assim, ir numa fábrica, mas isso é por causa da cidade que eu morava, era muito pequena, morava num bairro, entendeu? Mas é por causa do lugar mesmo, se tivesse nascido em outro lugar talvez não teria acontecido isso não.”

Johnny também contou sua visão a respeito do preconceito:

“Eu mesmo já sofri muito preconceito. Preconceito sempre vai ter em tudo que você fizer, não só na tattoo. Tudo que você fizer sempre vai ter algum contra. O importante é você fazer o que acha que tem que ser feito e não brigar com ninguém por isso. (...) Dos anos 80 pra cá, quando eu comecei diminuiu muito. Hoje é assim, tá na mídia né. O que é moral? O preconceito é uma moral, a moral é muito conveniente. O que convinha a turma a pensar há 20 anos atrás é diferente de agora, então você não pode dar importância a isso. Não é uma questão de ética, é uma questão de moral e a moral é conveniente numa época e em outra não, isso muda muito.”

Dentre os entrevistados que possuem modificações corporais, a maioria relatou nunca ter sofrido preconceito diretamente, exceto por alguns olhares, pessoas que olham e comentam, porém nunca de forma totalmente negativa. Em sua experiência em relação ao tema Renata disse:

“Muitas pessoas tendem a julgar pela aparência e considerando piercing e tatuagens as pessoas julgam muito, tanto na rua, no dia a dia quanto na faculdade a sofri preconceitos.”

Nathalia relatou que em locais onde trabalhou tinha certa limitação em relação a suas tatuagens para que não ficassem expostas, mas não levou a situação como uma forma de preconceito:

“Eu não diria preconceito, mas uma escola que eu trabalhei me proibia de trabalhar mostrando as tatuagens. Tanto é que no período que eu trabalhei lá eu tinha que tomar cuidado com as minhas escolhas de tatuagens novas porque eu tinha que tatuar só no limite da roupa. No limite da manga da camiseta e calça, então na perna não tinha muito problema.”

No caso das modificações corporais, estas podem se tornar um estigma ou tabu na sociedade quando alguns de seus adeptos decidem transformar de maneira extrema sua aparência, às vezes até mesmo se afastando de sua forma física humana, o que não ocorreu durante a pesquisa de campo, já que os entrevistados não tinham marcas extremas, por assim dizer. O corpo marcado, tatuado, modificado em excesso é visto como estranho, um corpo que “se presta a todas as fantasias que suscitam a atração ou a repulsão. Ele pode ser idealizado como a expressão de uma beleza inacessível e/ou rejeitado como o símbolo que objetiva os sinais da repulsa” (JEUDY, 2002, p. 102).

Marcas feitas no rosto são vistas como um estigma por afetarem a expressão facial e serem visualmente inevitáveis, expondo o indivíduo a todo momento a olhares e julgamentos alheios – e nem sempre desejáveis.

Os padrões físicos aos quais estamos acostumados a conviver não veem certos adornos corporais ou excessos no corpo de forma natural, estereotipando-os como algo primitivo e causando diversas sensações de estranhamento; em determinados locais de trabalho, por exemplo, tatuagens nas mãos, pescoço ou rosto podem ser um estigma. Johnny comentou sobre como o estigma em relação a tatuagem se modifica com o tempo, o estranho torna-se comum e os limites vão aumentando:

“Hoje o que “tá” se fazendo muito que é um pouco estranho é tatuar rosto. Muita gente tá tatuando o rosto hoje, tá bizarro, mas daqui a 10 anos vai ser muito comum, você vai ver. No rosto muda um pouco a feição então pra gente ainda é bizarro isso, até pra mim que sou tatuador é bizarro porque não é uma coisa tão comum fazer isso, mas “tá” tendo muito.”

Existem indivíduos conhecidos por suas modificações corporais extremas, vistas como estranhas já que alteram formas e pigmentação de todo o corpo, até mesmo adotando formas não humanas. Lucky Diamond Rich tem seu corpo 100% coberto de tatuagens e ainda assim cria mais desenhos em cima da pele já pigmentada. Outro sujeito muito conhecido por suas tatuagens é Rick Genest, o *Zombie Boy* ou *Skull Boy*, modelo canadense que tem seu corpo todo tatuado com ossos, terminações nervosas e músculos, assemelhando-se a um zumbi, exibindo camadas internas da pele através das tatuagens.



Figura 38: Rick Genest, conhecido como *Zombie Boy*. (Fonte: < <http://www.theginpalace.com/?p=8058> > Acesso em 23/11/2013)



Figura 39. Lucky Diamond Rich. (Fonte: < <http://news.bme.com/?s=lucky+diamond+rich&submit=Search> > Acesso em 22/11/2013)

Nos exemplos citados e outros inúmeros indivíduos a sensação de sentir-se completo ou diferente dos demais surge apenas após adquirir uma marca no corpo, desse modo recorrendo a perfuradores corporais e tatuadores. Ao alterar a forma física do corpo essas novas marcas dão a sensação de autenticidade em relação ao outro que não a possui, fazendo em muitos casos que a tatuagem seja praticamente considerada um vício. Para Johnny o vício se dá a partir das sensações que o procedimento da tatuagem causam:

“Eu costumo falar que o vício não é ter a tatuagem, é você fazer a tatuagem. Essa ansiedade, essa adrenalina de fazer é que vicia. Depois que você tem, daí um mês parece que você nasceu com ela.”

Dentre os entrevistados a maioria afirmou que pretende fazer mais tatuagens no corpo; não há dúvidas que mostrar através do suporte do corpo aspectos da personalidade, gostos pessoais, crenças, rituais individuais são parte das razões que levam indivíduos a marcarem seus corpos de diversas maneiras, segundo David Le Breton “as representações do corpo são representações da pessoa. Quando mostramos o que faz o homem, os limites, a relação com a natureza ou com os outros, revelamos o que faz a carne” (2007, p.26). Para Nathalia a vontade de modificar o corpo é algo subjetivo:

“Acho que depende muito da pessoa. Acho que tem pessoa que pessoa que é porque não é satisfeita com o que tem, tem pessoas que eu conheci que como eu é mais como um lembrete. (...). Não é só a roupa. É que nem mudar de camiseta, você tatua a pele. A pele é sua camiseta fixa.”

Para Cléber as tatuagens devem ser uma recordação para o próprio indivíduo:

“Tatuagem eu acredito que não foi feita pra mostrar pras pessoas, tatuagem foi feita pra quem quer a tatuagem pra si, a recordação de alguma coisa que quer que esteja no corpo.”

A opinião de Tom sobre as razões para marcar o corpo relacionam-se com questões pessoais e sociais:

“(...) Deixar evidente algum pensamento ou sentimento visual ali pra você ver sempre, lembrar daquilo. Pra realmente marcar, criar um marco que você vai carregar com você pra sempre que não é a memória diretamente. Ou então pra se identificar com um grupo ou pra personalizar seu corpo de alguma forma porque a gente se sente mais confortável quando a gente tá num ambiente que a gente influenciou de alguma forma, então a gente tá

num corpo que a gente modificou ele pessoalmente, acho que acaba trazendo uma ideia de conforto maior, você se sente mais dono de si.”

Por serem compostas de elementos visuais, as modificações corporais, mesmo sem a intencionalidade de exibição, em algum momento terão de ser expostas – por mais íntima que seja essa marca. Desse modo, modificar o corpo para si é também uma forma de modificar para o outro, sentir a liberdade de poder mostrar-se em determinada situação, local ou para alguém. Beatriz Ferreira Pires afirma que “a necessidade existente de criar uma identidade e se diferenciar dos demais faz do corpo um *outdoor* de si mesmo, onde as interferências aplicadas à pele, ao marcar momentos e situações, constituem um registro da história do indivíduo.” (2005, p. 129)

Para o tatuador Johnny, apesar das influências que a mídia e a moda trazem através do tempo, a arte de marcar o corpo faz parte da natureza do ser humano:

“Eu acho que isso é uma coisa natural. Você pode ver pela história da humanidade, sempre, as tribos indígenas lá no começo e tal, se pintavam, se modificavam, punham ornamentos e tudo mais, por quê? Por essa vontade de modificar a aparência de acordo com a vontade interna da pessoa, porque você já parou pra pensar que quando você vai escolher uma tattoo, tem um milhão de coisas que você pode fazer, mas você escolhe aquela por quê? Não dá impressão que é uma coisa muito mais interna? Uma coisa de subconsciente... Você pode escolher tanta coisa e escolhe aquilo lá, o que te identifica mais.”

Para Marcelo, mesmo que as modificações corporais remetam a tradições primitivas, atualmente também estão associadas à tecnologia e novas mídias:

“É legal fazer o lance da tattoo e do piercing porque remete muito a culturas antepassadas, antigas né, culturas tribais, que fazem alguma coisa no corpo pra marcar alguma coisa importante da sua vida, fases novas, coisa que passou que é importante, pra atrair coisas novas também, então acho que esse é o espírito do passado na tatuagem, só que do jeito digital, na internet, com edição e áudio, bonito.”

Seja por vontade pessoal, superação, ritual de passagem ou moda, marcar o corpo é uma forma de expressão pessoal e também desejo de ter uma identidade, “certamente, o ambiente com alto apelo visual em que vivemos estimula o comportamento de que as diferenças precisam ser vistas, e não apenas sentidas e intuídas” (PIRES, 2005, p.60 e 61). Exibir ao outro suas vontades e poder identificar visualmente gostos em comum através de

tatuagens, *piercings* ou outro tipo de modificação corporal é algo que se tornou parte de relações sociais contemporâneas, assim como as tribos primitivas identificavam-se através de suas marcas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo sofre constantes mudanças de acordo com a sociedade e cultura a qual pertence e as marcas corporais sempre acompanharam o homem no decorrer da história. Através do corpo é possível reconhecer aspectos de culturas em tempos diferentes e também traços subjetivos de cada indivíduo: o tempo passa e sua ação registra-se na pele, a cor dos cabelos se altera e a aparência física se modifica naturalmente.

Em inúmeras sociedades o corpo foi contido, oprimido e as marcas corporais foram evitadas por não serem vistas como um procedimento natural. A partir do século XX novas maneiras de se pensar o corpo surgiram com os avanços tecnológicos, filosóficos, pela medicina e pela arte; a mídia e a publicidade através da ideia do “eu” passaram a usar a aparência física para garantir a identidade do indivíduo. Concomitante a isso as modificações corporais feitas por povos tribais adentraram a cultura ocidental alcançando um público cada vez maior nas sociedades urbanas.

Durante a pesquisa foi possível notar que desde a antiguidade a modificação corporal existe: dados históricos mostram vestígios em povos egípcios, gregos e também em comunidades tribais espalhadas por todo o mundo. Além da fala, escrita e da arte local de cada povo, as marcas no corpo também eram formas de comunicação que representavam rituais de passagens e hierarquia social com sua simbologia específica em cada etnia.

Trazidas para o contexto social atual, as modificações corporais são também uma forma de comunicação e expressão, porém cada indivíduo codifica em seu corpo marcas que representam rituais individuais de passagem, mudar o corpo significa mudar seu próprio eu, adquirir uma nova identidade.

A vontade de (re)modelar o corpo envolve um mercado que ganha adeptos através de cirurgias plásticas, dietas, exercícios físicos para modelar o corpo e em artefatos presentes na moda, porém, por outro lado, os grupos com desejo de (re)modelar e (re)significar seus corpos através da modificação corporal estudada neste trabalho adotam práticas que, em casos extremos, podem ser visualmente agressivas para muitas pessoas. Marcar a superfície da pele com tintas, desenhos diversos, adornos de metal e aço e implantes corporais pode ser visto como um estigma na sociedade por alterar o corpo de forma irreversível.

Durante a pesquisa de campo realizada com profissionais e adeptos das modificações corporais foi possível notar que práticas como a tatuagem e o *body piercing* tornaram-se muito comuns, até mesmo com enfoque das mídias, que em alguns casos

ajudaram para que a aceitação fosse maior. Durante as entrevistas também foi possível notar como aspectos subjetivos fazem com que indivíduos tenham vontade e desejos de simbolizar em seus corpos situações ou lembranças que viveram em suas vidas, como a dor presente durante os processos de modificação corporal pode ser superada e entendida como parte do processo.

O processo das modificações corporais tende a continuar já que sua aceitação cresce e os padrões e regras quebrados pelo corpo tendem a intensificar-se juntamente com novas tecnologias. O primitivo e o contemporâneo se misturam em corpos híbridos, com marcas na pele, tatuagens, *piercings*, implantes e tantas outras técnicas já vistas criadas com ajuda da tecnologia, alterando a aparência de sujeitos para que se sintam individualmente donos de seu próprio eu, suas próprias vontades e seu próprio corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Vozes, Rio de Janeiro, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Editora Guanabara S.A. Rio de Janeiro, RJ. 1988.

JEUDY, Henri-Pierre. **O Corpo como objeto de arte**. Estação Liberdade, São Paulo. 2002.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado, corpo livre?** São Paulo: Paulus, 2005.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Papirus. Campinas, SP. 2003.

_____. **A sociologia do corpo**. Vozes, Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Adeus ao corpo**. In **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. Adauto Novaes (organizador). São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

LEITÃO, Débora Krischke. **Mudança de significado da tatuagem contemporânea**. Caderno IHU Idéias, ano 2, nº 16. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: *piercing*, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo, Editora Senac, 2005.

RODRIGUES, Apoenan. **Tatuagem: Dor. Prazer. Moda. E muita vaidade**. Editora Terceiro Nome: Mostarda Editora, São Paulo, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. In **Corpo e história**. Carmem Lúcia Soares (organizadora). – Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo, Paulus, 2004.

SOARES, Thiago. **A modificação corporal no Brasil - 1980-1990**. Osasco: Centro Universitário FIEO, 2011.

TRIPALDI, Anna Ma. **Identities Juveniles: Tatuaje y piercings en Cuenca**. Cuenca, Ecuador, 2003 / 2004.

VERGARA, Ricardo López. **Cuerpos Transgresores / Cuerpos Transgredidos. Carne y memoria marcadas. Los jóvenes y sus prácticas de modificación corporal**. Concepción, Chile, 2007.

SÍTIOS ELETRÔNICOS

BME: Tattoo, piercing, Body Modification News. < <http://www.news.bme.com> > acessado em 14/11/2013

Fakir Musafar's Home Page, Bodyplay Magazine, and Piercing School. < <http://www.bodyplay.com/> > acessado em 26/11/2013

Frrrkguys | Male beauty, body art & body modifitacion culture. < <http://www.frrrkguys.com.br/> > acessado em 18/11/2013

Steve Haworth Modified < <http://stevhaworth.com/main/> > acessado em 23/11/2013

T. Angel < <http://www.tang31.com/p/blog-page.html> > acessado em 18/11/2013

ANEXO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
Campus de Bauru
De partamendo de Artes e Representação Gráfica - DARG



**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL E SOBRE
DOCUMENTOS E REGISTROS AUDIOVISUAIS**

Pelo presente documento, eu, _____,
estado civil _____ CPF: _____
RG: _____ emitido pelo _____, domiciliado e
residente na cidade de _____ declaro ceder à
**Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual
Paulista – Unesp – Campus de Bauru – CNPJ 48031918/0029**, sem quaisquer
restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os
direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a aluna
pesquisadora: **Bianca dos Santos Furlaneto Dias, RA: 933244** orientada pela **Prof^a
Dr^a Loriza Lacerda de Almeida no Trabalho de Conclusão de Curso**, bem como o
uso de imagens fotográficas registradas pela pesquisadora.

A pesquisadora e Unesp ficam conseqüentemente **autorizados a utilizar, divulgar,
publicar, para fins científicos e/ou artístico-culturais**, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo
para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e
autor.

_____, _____ de _____ de 2013.

Assinatura